

Carlos Mateus

A revolta de *Villa* Euracini

Este livro é escrito ao abrigo do anterior acordo ortográfico

“Ó meu Pae, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu o ser, poveiro,
Mail-Irmão do «Senhor de Mattozinhos»!”

António Nobre, extracto do poema “POVEIRO”, em ‘Só’

A todos
que gozam de uma relação especial com a Póvoa de Varzim,
por nascimento, morada ou vivências, ainda que espiritualmente.

Capítulo 1

Suster a respiração

Faltavam quinze minutos para soar a campainha, a dar por terminado mais um dia de trabalho na indústria conserveira de peixe. No interior do amplo recinto bem ventilado, várias mulheres cuidavam do enlatamento do pescado fresco. Vestiam-se todas da mesma maneira: bata e touca para o cabelo, de cor branca; botas e luvas de borracha, de cor azul.

As operárias sentadas umas em frente das outras, formavam duas filas viradas para um tapete rolante que as separava e transportava o peixe, ora sardinhas, ora cavalas, consoante a faina. Completavam o trabalho em cadeia.

O gerente era o único homem para dezenas de mulheres com habilitações literárias iniciantes e de vários estados civis. Perante tanto mulherio, por se sentir indefeso, ou para não servir de motivo de distração, o superintendente raramente inspeccionava a sala. Preferia observar as trabalhadoras do primeiro andar, de forma invisível, graças a um espelho unidireccional. A ampla janela apresentava um vidro em tom mate, virado para a zona fabril, e transparente, pelo lado interno, onde funcionavam os escritórios e a sala de reuniões.

Numa coisa Chica destoava das demais colegas, tinha quarenta e sete anos de idade e tez morena. Bem, morena era um eufemismo. Possuía sangue de ancestrais negros, fruto da colonização de Angola. Não se sentia, contudo, minimamente discriminada, produzindo tanto como as colegas e partilhando com elas a cantina no intervalo para o almoço. Como residia afastada do local de trabalho e o intervalo era de uma hora, transportava consigo uma marmita térmica, com uma refeição cozinhada de véspera.

O ritual fabriqueiro não variava. Caixas de plástico rolavam em cima da passadeira em frente das operárias, que retiravam, do seu interior, uma mão cheia de peixe fresco, já eviscerado e pré-cozido. Com o auxílio de uma

tesoura cortavam-lhe a cabeça e as barbatanas e arrumavam-no em grupos de três, no interior das embalagens de alumínio. Colocadas de novo na passadeira, as latas seguiam o seu caminho, por um percurso automático, encarregando-se a máquina de injectar uma dose de óleo vegetal ou outros molhos e de cravar hermeticamente a tampa.

Todo o processamento devia ser feito o mais depressa possível, para evitar que a qualidade da conserva fosse afectada. As trabalhadoras conheciam bem as regras. Esforçavam-se por não faltar, para não perderem o prémio de assiduidade, evitar de sobrecarregar as demais colegas e atrasar a manufatura da indústria conserveira que representava um alto contributo na balança comercial.

Soou a ansiada campainha. O trabalho em mão foi terminado. As bancas de trabalho foram limpas para o dia seguinte. As operárias encaminharam-se ordeiramente aos vestiários.

Chica desinfectou as luvas e guardou o equipamento no seu cacifo. Ajeitou o cabelo e saiu apressada, em direcção à paragem da camioneta, que dali a cinco minutos a conduziria a casa.

Há muito tempo que Luísa aguardava por este dia. Quarenta semanas desapegada do seu estado, receosa do futuro. Ao terceiro mês já se tinha arrependido de não ter seguido os conselhos do co-responsável, ausente em parte incerta, mal soube da notícia. Estava farta de andar enfaixada no peito e no abdómen, a disfarçar a sua gravidez.

A sorte é que os pais escassa atenção lhe prestavam. O cérebro negava o evento, o que justificava a razão de a barriga não ser proeminente.

A mãe Chica, como carinhosamente era conhecida por toda a gente do bairro, depois de sair da fábrica de conservas de peixe, fazia uns biscates na limpeza das partes comuns de dois condomínios. O agregado familiar só podia contar com os seus poucos rendimentos, para equilibrar as contas dos serviços públicos essenciais, renda e encargos com a habitação, as despesas domésticas e a alimentação, com uma filha, a crescer, sem esquecer a habitual semanada ao cônjuge. Acumulava aquelas actividades com as de dona de casa, antes de poder descansar um par de horas, até o espectáculo começar.

Dedicava pouco tempo à filha. A iliteracia não lhe permitia acompanhar os estudos, a vergonha de ensinar o bê-á-bá da sexualidade. O convívio com a descendente resumia-se a pouco mais que o pequeno-almoço, tomado a correr, antes de saírem para a rua, cada uma para o seu lado.

O pai, desempregado de longa duração da construção civil, onde exerceu como servente desde os treze anos de idade, transformava-se num homem violento quando chegava a casa, sempre inebriado. Por essa altura, mãe e filha, apercebendo-se da proximidade de mais uma tormenta, fechavam-se à chave nos quartos. De nada valia as invectivas, murros e pontapés nas portas. Os vizinhos, cansados de tanto barulho, telefonavam à polícia a acusar o Ernesto, de mais uma vez, estar a partir tudo.

Esposa e filha do energúmeno, assustadas, temendo pela sua segurança, apenas saíam do refúgio no momento em que ouviam bater à porta de entrada do apartamento, acompanhado das audíveis vozes, a identificar a autoridade.

A familiaridade das fardas acalmava o alcoólico. Um bocado de psicologia policial e Ernesto acompanhava os agentes ao hospital, onde ficava a curtir a borracheira.

Enquanto a família lhe desse protecção, omitindo a verdade às autoridades, a detenção do transgressor esperava por melhores dias. Bem que os guardas sugeriam a necessidade de a mulher arranjar coragem, quanto mais não fosse pela segurança da filha, e denunciar os maus tratos físicos e psíquicos. Mas não. Da boca do cônjuge apenas saía a explicação de que o marido chegara a casa alcoolizado, berrava sozinho, dizia asneiras, esmurrava e pontapeava as portas. Os preocupados vizinhos interpretavam erradamente as alterações.

A conselho da polícia, sempre que o homem regressasse a casa acompanhado do senhor vinho, a solução passava por aferrolhar a porta de entrada do apartamento e não o deixar entrar, por muito que berrasse.

– É telefonar, que aparecemos num curto espaço de tempo – diziam-lhes.

Nos raros momentos de lucidez, Ernesto reconhecia a sua fraqueza – com juras de continuar o tratamento voluntário do vício que consumia a todos –

e a família reconciliava-se. Chegou a estar internado, por duas vezes, no hospital psiquiátrico, transportado numa ambulância do INEM, sob a custódia da polícia, para apurar se a sua saúde mental potenciava uma inimizabilidade perigosa para a sociedade, em geral, e para a família, em particular. O fígado dele, cansado de tanto metabolismo, presenteou-o paulatinamente com esteatose, hepatite e, mais recentemente, uma cirrose, em concurso real com a disfunção erétil, a fonte de todos os ciúmes e de mais vinho emborcado, alegadamente para deslembrar a condição.

Os pais distinguiram-se pela ausência na vida de Luísa, que cresceu e foi educada nesse contexto. Tornou-se uma mulherzinha auto-didacta, conhecedora da fenomenologia corporal, à medida que se metamorfoseava. Tinha consciência de ter um corpo invejado pelas colegas da escola. Apresentava um físico magro, bafejado por linhas sensuais avançadas para a sua idade, alimentado diariamente por quilómetro e meio a pé, para ir e vir da escola. Não fora o almoço gratuito servido na escola, raramente tomava uma refeição quente, em substituição dos invariáveis cereais com leite, antes de se deitar.

Capítulo 2

As armas e os barões assinalados

Um pequeno País, nascido à beira mar, com uma grande história no desenvolvimento do mundo, numa altura em que mais valia o engenho e a arte cantados pelo poeta homérico. Uma Nação que soube conviver com as sucessivas invasões. Cresceu no conhecimento e em território, à medida da sua ambição, ansiosa de aventura pelo Planeta, então desconhecido, animada pelo aumento da Fé e do Império. O mapa-mundo testemunhou as possessões deste Estado-nação mais antigo da Europa e os caminhos que traçou por terra e por mar, a levar os valores e os ideais do Velho Continente à humanidade.

As potências internacionais cobiçaram os territórios ocupados por essa Nação miscigenada. Quando não o conseguiram diplomaticamente, através de Tratados leoninos, lançaram mãos de boicotes e induziram as populações autóctones a sublevar-se, fornecendo-lhes municionamento bélico e a promessa da emancipação política. Os invejosos ludibriaram os povos famintos de autonomia, mesmo em lugares mais remotos, onde nasceram após a ocupação, oferecendo-lhes um carro sem volante e conselhos para o acelerarem à vontade que, eles, os mentores da revolução, os guiariam até à vitória final.

O dinheiro não tem cor, género ou patriotismo. Os vendilhões do templo apostaram na destruição do profundo ultramarismo e ganharam o pleno.

Uma história repleta de feitos gloriosos, mas também de vacilações na independência política, em detrimento da económica, derrotada por algumas mãos cheias de traidores. Como a história avança em espiral, há pontos que voltaram a tocar-se.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, já dizia o poeta. Outros valores mais alto de novo se alevantaram, a apostar no saber e em sectores da economia, cujo valor exportativo não desequilibra, a seu favor, a balança das

transacções correntes. Interessado no saber e na investigação das ciências e novas tecnologias, esse povo, que não passava da cepa torta – a viver num País sem condições para absorver os seus técnicos e cientistas –, reassumiu a sua importância.

A erudição, outrora aplicada na leitura dos astros e das marés, na capacidade de se relacionar despreconceituadamente em espaços abertos da África, Ásia, Oceânia e Américas, foi transferida para espaços físicos fechados, espalhados pelos pontos cardeais, devidamente equipados com instrumentos de alta precisão, onde se realizam outras experiências e pesquisas, à descoberta de novos universos científicos. Um povo a pedir meças a profissionais homólogos por todo o mundo.

De instabilidade política em labilidade política, com vários regastes financeiros pelo meio, é um País adiado. O oásis da União Europeia, a lembrar a fábula da cenoura e do burro apressou a adesão, em busca de fundos estruturais para o desenvolvimento da economia. Liberalizou-se o mercado, na ideia de quase tudo se vender para as contas finais das finanças públicas não desiludirem. A partir de um determinado ponto do percurso no sistema monetário, os políticos começaram a sentir-se como o tolo no meio da ponte. Não ousando sair do euro – com a certeza da forte desvalorização da moeda nacional, a corrida aos bancos para levantamento dos euros, a compra de divisas, o aumento dos preços dos produtos importados, a inflação, o despedimento massivo de trabalhadores, o desemprego, o agravamento do valor da dívida do Estado, dos bancos e das empresas, o empobrecimento dos consumidores –, abraçaram a miragem da manutenção e dos conflitos de concupiscência.

O outrora, o primeiro império global da Europa, embora reduzido na plataforma continental, conserva hoje uma grande zona marítima e aérea, a par de alguns recursos minerais significativos, entre os quais o alcunhado petróleo branco. Várias zonas do País são ricas nessa fonte de energia. Um químico, antes usado no vidro e cerâmicas com resistência ao calor, agora canalizado para o fabrico de baterias. O petróleo, com o fim anunciado, deu lugar ao lítio em aplicações militares, na indústria eléctrica, electrónica, nuclear, em medicamentos, metalurgia, purificação do ar, na óptica e na química orgânica e dos polímeros.

Um jardim à beira-mar plantado, conhecido como um importante produtor de sal marinho explorado nas zonas costeiras e nos depósitos de água salgada no subsolo. A inactividade das salinas conduziu à reconfiguração do subsolo. A par disso, há muitas outras reservas de lítio espalhadas em território continental, fonte de energia, fonte de poder, fonte de inveja e fonte de conflitos internacionais!

Capítulo 3

O fascínio pelas fardas

Com um metro e sessenta e cinco de altura, de tez morena e cabelo negro farto, apanhado atrás da nuca, Luísa apresentava um corpo bem definido. Uma jovem desejada pelos rapazes mais ricos da escola, a convidá-la, com marcação de véspera, para, no final das aulas, irem lanchar ou frequentar lugares que a condição social dela não permitia, a troco do acostumado farfalho juvenil. Acompanhava-os por necessidade de afecto, experimentando a necessidade de ser desejada. O convívio preenchia-lhe a atenção que faltava em casa. A atracção dela era, porém, para com os homens de farda, resultante da segurança que a autoridade lhe conferia, quando ia a casa buscar o alcoólatra agressivo.

No rotineiro percurso pedonal de ida e de volta da escola, a adolescente passava invariavelmente por um aquartelamento do exército. O percurso diário seguia ao longo da Rua do Quingosta, passava pelo Museu Municipal e descia a rua do Quartel Militar, até apanhar o Mercado Municipal.

À hora habitual, mais cinco, menos cinco minutos, alguns magalas desenfreados punham-se à coca e, quando a jovem passava por eles, recebia os seus piropos: «Abençoada mãe que fez assim uma filha»; «Quem me dera ser ourives para trabalhar essa jóia»; «Quem me dera ser uma flor para andar ao teu peito», e outros mais picantes de encher-lhe o ego. Em resposta, deixava transparecer o gozo que isso lhe dava, através de um radiante sorriso, para os que estavam à sua frente, e o bambolear das vistosas ancas, para quem deixava atrás.

Todavia, a sinfonia de assobios e a entusiasmada altercação dos militares chamou a atenção de um major, que um dia, ao ouvir o distúrbio, espreitou à janela do gabinete a tempo de a ver passar. Detentor de prerrogativas militares, inteirou-se da situação e começou, então, a aparecer, à

hora da saída da escola, no seu carro modificado, de cor azul-turquesa metalizado, a distribuir música de discoteca, conduzido lentamente, a par do passeio, por onde Luísa seguia. Cruzava-se com ela, baixava o som, dirigia-lhe um sorriso galanteador, e perguntava: “*olá garota, queres boleia?*”

Ao princípio, a gaiata não achou lá muita graça ao comportamento do sedutor, mas como ele vestia uma farda, não quis ser mal-educada. Com o decorrer do tempo, graças à persistência do oficial, começou a habituar-se à sua presença diária e passou a responder ao convite com um “*não, obrigada*”, que nem a ela própria convencia.

Os militares bem aprumados sabem criar boa impressão. O tentador não foi excepção. Naquele dia outonal, a temperatura amena permitia um vestuário leve e o militar optou por mudar de tática. De manhã cedo, apresentou-se apeado. Da camisa vincada de manga curta, sobressaía um tronco bem cuidado para um homem vinte e poucos anos mais velho do que ela. Meio corpo mais alto que Luísa, usava o cabelo passado à máquina nas laterais e no topo da cabeça ligeiramente mais alto, num rosto liso, bem raspado. Quando se aproximou do alvo pela frente, os seus olhos encovados a cintilar, fixaram-se nos da jovem. O olhar penetrante do militar atravessou o íntimo do ser da garota e provocou-lhe algumas contracções e relaxamentos musculares involuntários.

O charme e a inocência começaram a entender-se, através de um tímido conflito de aproximação/rejeição, aproximação/aproximação. Escassos minutos depois, a equação química foi solucionada e o enigma ultrapassado. Combinaram encontrar-se no final da escola, num quarteirão à frente do estabelecimento de ensino. Luísa frequentou as aulas com a cabeça nas nuvens e isolou-se no refeitório, esquivando-se à companhia dos colegas desejosos. Queria estar só e desfrutar a expectativa do momento. Ansiava pelo final do horário escolar. Algo lhe dizia que a sua vida iria mudar.

Depois de se terem encontrado no lugar combinado, seguiram juntos no carro dele, em direcção a uma hamburgueria, onde se abasteceram. Continuaram a viagem até ao cimo de um monte, com uma vista privilegiada até ao mar, onde, um dia, o filho de uma freguesia defronte financiou um monumento no topo da escadaria, tão alta e luminosa que à noite agitava a alegria de uns e a inveja de outros. Lancharam, conversaram, ouviram música

e viram as casas lá em baixo a iluminar-se. O “*olha que lindo*”, dourado com palavras bonitas, embrulhadas em promessas de amor eterno, forçaram as barreiras da menor.

A notícia da paternidade apressou o pedido de o militar para integrar uma comissão no Kosovo, abandonando a expectante, entregue à sua sorte, sem qualquer justificação ou contacto telefónico.

No princípio da falta de notícias, Luísa associou a ausência do namorado a algum exercício militar. No final de dois meses do apartado, sem notícias, caiu em si. Chorou de raiva. Reconheceu ter sido usada como uma lente de contacto descartável, que se usa e deita fora. Dirigiu-se a uma farmácia da cidade vizinha, a solicitar a pílula do dia seguinte. Informaram-na que já não fazia efeito. Aconselharam-na, então, a ir ao hospital onde teria de se inscrever numa consulta médica da especialidade. Assim fez. Ao reconhecer a funcionária do balcão de atendimento, faltou-lhe coragem para continuar. Morava lá no bairro e era conhecida de seus pais. Nesse momento, decidiu encobrir o seu estado de graça. *Fui uma parva*, magicou, revoltada consigo própria, sentada na sanita da casa de banho de sua casa. Tentou auto-mutilar-se. Pressionou a lâmina do x-ato à epiderme da parte anterior da coxa esquerda. Mal viu o sangue a brotar, desistiu da intenção.

Depois de passada a tempestade, a conformada decidiu partilhar o segredo com alguém que a pudesse orientar nos momentos mágicos da gestação. Lembrou-se de Carla, uma estudante finalista de enfermagem que conhecera na biblioteca pública junto ao mar, quando sentira uma quebra de tensão e desmaiara. Na altura, não se descoseu sobre o seu estado de desgraça, embora a estudante lhe tivesse feito as perguntas indicadas para a resposta certa. Procurou a confidente no Diana Bar. Encontrou-a no primeiro andar, sentada junto a uma janela panorâmica, com a mesa cheia de apontamentos,

– Olá! Lembras-te de mim?

– Sim. Claro que me lembro! Foste a minha primeira cobaia de urgência

– respondeu Carla a sorrir. – Senta-te. Conta-me como tens passado. Estás melhor?

A gestante agradeceu o convite. Puxou uma cadeira e sentou-se de frente para a janela, de lado para a estudante.

Estava um dia soalheiro. No interior do edifício circular com enormes espaços envidraçados, e protegido da nortada, estava-se confortável. Ao longe, o céu unia-se ao mar. Um rolo de nuvem mais escura, ao comprido do horizonte, dava a ilusão de uma alteração da superfície do mar a elevar-se em direcção à costa. Carla observou o perfil da visitante, que mostrava um leve ar de cansada, mas mais rosadinha.

O tema da conversa andou à volta da gestação. A estudante de enfermagem deu à amiga os conselhos essenciais: não comer por dois; saber se está imune à toxoplasmose; eliminar o tabaco e as bebidas alcoólicas; evitar o café; beber água; não tomar medicamentos contra-indicados; manter actividade, sem prejuízo do repouso; e não andar estressada.

Como não conseguiu convencer a jovem grávida a obter o necessário apoio do foro ginecológico, Carla tomou a seu cargo o acompanhamento da gravidez. Passaram a encontrar-se numa casa de praia dos pais dela, na Rua Latino Coelho.

O tempo passou e a incubação aproximava-se da estação do destino. Luísa começou a entrar em pânico. Era muita responsabilidade em cima dos seus tenros ombros: um estando a preparar-se para vir ao mundo e ela sem condições mínimas para o receber. Imaginava os pais a irem aos arames, quando lhes apresentasse o neto, mais uma boca para alimentar.

A futura jovem mãe sabia não ter competência para os dias vindouros. Não conseguia, sequer, fazer planos. Dividia o seu tempo pela escola, pela enfermaria improvisada e pelo areal da praia a observar o pôr-do-sol e o doce fazer nada, antes de ir para casa enfrentar os seus medos.

No lar, depois de cumprido o ritual doméstico, Luísa enfiava-se na cama, antes de a mãe se deitar e libertava-se dos seus fantasmas, enlevada pelos sonhos de uma menina da sua idade.

Naquela noite, a jovem sonhou que tinha acordado na cama de um hospital. Olhou em redor e deu conta de estar num quarto todo branco, com paredes e tectos de uma cor branca muito brilhante. Havia tanta luminosidade que se viu forçada a cerrar os olhos com força. Passados uns segundos, já adaptada ao ambiente, abriu lentamente os olhos e viu a mãe a seu lado, sentada numa poltrona, com a cabeça encostada para trás, a dormir. Luísa estava deitada sobre um colchão, que aquecia gradualmente. Tinha as pernas

e os braços presos às barras da cama, com uma ligadura. Não tinha roupa. Solevou a cabeça, o máximo que conseguiu encostar o queixo ao peito, e viu uma enorme pança translúcida. No interior da barriga transparente, um feto dava viravoltas de contente no líquido amniótico. Da maneira como o cordão umbilical passava no meio das pernas do embrião, não conseguia descobrir o sexo. Numa das voltas, viu-lhe o rosto alegre, como a mostrar fé num futuro sorridente. A temperatura do colchão aumentava cada vez mais e o calor começou a ser insuportável. Já não conseguia ter as costas deitadas sobre o colchão. Amarrada à cama, apenas conseguia alternar um pouco os flancos do corpo. Sentia calor. Suava. Principiava a sentir escaldadelas. O tecto branco do quarto era agora uma tela gigante. O filme começou. Desprendida do corpo, via-se agora, de cima para baixo. A criança dentro de si deixou de se divertir. Pequenas bolhas de calor subiam pelo líquido amniótico. A membrana serosa que envolvia o feto começou a ficar num tom rosa. O nascituro abria e fechava a boca, num grito mudo. A sensação de calor envolvia cada vez mais o corpo da espectadora e do feto. As paredes da barriga da grávida começaram a ficar de um branco de ovo cozido, perdendo a transparência.

Luísa suava em bica. Não chegou a ver o final do filme. Um desconforto no baixo-ventre despertou-a do pesadelo. Seguiram-se ligeiras contracções. No escuro do quarto, reviu os procedimentos a tomar. Três contracções seguidas, de mais de um minuto cada, com intervalo de dez minutos. As guinadas começavam nas costas e seguiam para a frente, em direcção à vagina.

Capítulo 4

O complô

O Presidente da República aguardava a chegada do Primeiro-ministro, pois tinham combinado, por um telefonema no dia anterior, encontrar-se às primeiras horas do dia seguinte. O Chefe do Governo pedira o encontro, sem seguir os meios protocolares e ocultou o facto à comunicação social, justificando ser um assunto muito importante, sem, contudo, adiantar pormenores.

Por muito que pensasse sobre o motivo da urgência do pedido de reunião, o Chefe do Estado não conseguia associá-lo a nada de urgente. Acompanhava sequiosamente os desígnios do País e as medidas que o Governo tomava. Nada lhe parecia estar fora do controlo.

Por um lado, os parceiros sociais andavam calmos, o que representava uma aparente satisfação da sociedade civil. Os sindicatos tinham acabado de se entender com as organizações patronais em sede de concertação social. O diferendo entre senhorios e inquilinos estava amenizado, com a promessa de mais incentivos fiscais para os proprietários que colocassem os imóveis no mercado, a médio e a longo prazo. O custo de vida não sofrera aumentos. Os partidos políticos com assento no Parlamento não tinham criado factos novos. Não se aproximava a época de eleições. Não tinha notícia de ameaças de terrorismo.

“As instituições democráticas têm funcionado mais ou menos, não há críticas à direcção política implantada pelo Primeiro-ministro, a coalização dos partidos de esquerda tem andado calma na Assembleia da República”, continuou o Presidente nas suas conjecturas. *“Só se for alguma coisa relacionada com as finanças públicas”,* pensou, a andar de um lado para o outro, sobre a macia tapeçaria de Arraiolos em tons de vermelho escuro, do salão usado como gabinete de trabalho.

O relógio vertical estilo europeu clássico anunciou as nove horas. O amplo espaço rectangular, iluminado pela luz natural que penetrava pelas portas envidraçadas, era decorado por quadros de épocas de temas díspares; quatro elegantes senhorinhas e um canapé, ladeado por duas mesinhas de apoio, a suportar um candeeiro combinado na base por duas pequenas esculturas de crianças entrelaçadas a condizer com as figuras de um dos quadros atrás do sofá; uma mesa de apoio com tampo de vidro, sustentada num capitel jónico. Uma secretária secular em madeira maciça enquadrava-se, do outro lado da parede, entre duas portas envidraçadas e, por detrás, do lado direito da cadeira, repousavam as bandeiras Nacional e da União Europeia. Uma pequena mesa de reuniões, com duas cadeiras almofadadas num tecido às ricas em tons de vermelho cardeal e um móvel contador em madeira concluía o adorno de um salão exaltado pelo lustre de cristal, suspenso de um tecto alto com gessos decorativos de símbolos de aliança e união, em tons de ouro.

O relógio anunciou as nove e vinte. Não havia sinal da visita. As novas gerações cultivam a despontualidade. É chique deixar o anfitrião a desejar o advento. Um leve atraso destaca o foco da atenção e eleva a importância do convidado.

A voz rouca do Primeiro-ministro começou a ser audível no exterior do escritório presidencial. O governante comportava-se sem parcimónia, falando alto e pelos cotovelos. No momento, expunha ao chefe do gabinete da Casa Civil o fora de jogo não assinalado que deu origem ao golo a favor da equipa adversária do seu clube e criticava a distração do árbitro assistente de vídeo.

Entretanto, a porta do salão abriu-se, sem necessidade de prévio anúncio do visitante, que se dirigiu ao Presidente da República, olhos nos olhos, com um sorriso nos lábios carnudos:

– Bom dia, senhor Presidente. Como vai? Este trânsito mata-me. Prescindi da escolta policial e da viatura oficial, para não chamar a atenção dos jornalistas. Obrigado por me receber tão cedo.

– Bom dia, também para si, meu caro! Tão cedo, é uma força de expressão! A esta hora, se fosse fim-de-semana, já teria dado umas braçadas no rio.

– Vou ter de arranjar uma imagem de marca semelhante à sua. Não de fato de banho, que sobra-me chicha – respondeu o governante, a rir-se sem recato.

– Sabe que Xissa é uma aldeia a cerca de meia centena de quilómetros de Malange, onde está enterrado o Zé do Telhado?

– O que o senhor Presidente sabe! – ironizou o colocutor político.

– Também faz parte da história das insígnias. Antes de «roubar aos ricos para dar aos pobres», de ser julgado e condenado ao degredo para uma colónia na África Ocidental, José Teixeira da Silva – assim era seu nome de baptismo – foi agraciado com a mais alta condecoração que ainda hoje vigora no nosso País: o grau de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

– Condecorações são consigo! – gargalhou o governante, dando uma palmada amistável no ombro do Presidente da República.

– Como me pediu descrição, achei por bem recebê-lo no meu gabinete de trabalho – explicou o Chefe de Estado em tom coloquial, indicando com a mão direita o caminho para as duas senhorinhas, frente a frente. – Toma um cafezinho?

– Curto, se faz o favor.

– Confesso que fiquei preocupado com o pedido desprotocolar de uma audiência, acobertado de sigilo e precauções – comentou o Presidente da República, aguardando uma explicação plausível, enquanto fornecia de líquido negro aromático a chávena do convidado.

– Como sabe – iniciou o Primeiro-ministro, – recebi o poder de bandeja, em sentido contrário ao sufrágio eleitoral. O seu antecessor empossou-me, segundo ele, a bem da Nação, segundo outros, a vingar-se do partido a que presidiu durante largos anos. O País vinha de um período de esforço colectivo. Em três anos o Estado conseguiu o resgate económico. O povo compreendeu os sacrifícios que lhe foram impostos e deu um voto de confiança ao governo de então, mas sem maioria no parlamento.

– O cavalo branco passou à sua frente e soube aproveitar a boleia. Foi esperto, digo eu. Não o critico.

– Não tinha outra forma de obter um apoio parlamentar estável.

– Como disse o meu antecessor, que o nomeou, as dúvidas ainda não foram dissipadas...

– Eu sei, e tenho menos certezas de agora em diante. No entanto, tudo farei para não perder as eleições.

– Estava à espera de quê? Não há almoços grátis. Tenho estado atento, e vejo o cerco a fechar-se. Há-de chegar a altura em que a decência política vai impedir o Governo, ou o seu partido no Parlamento, de adoptar acções, estratégias e políticas totalmente à esquerda, menos moderadas.

– Até agora consegui equilibrar as forças apoiantes da gestão nacional, mas começo a não ter margem de manobra, nem paciência para facadinhas políticas nas costas. Ainda por cima, não assumem frontalmente as opções. Pela frente parece estar tudo bem, por trás acicatam os sindicatos.

– Sabe perfeitamente que a finalidade primeira de um partido político é tomar o poder...

– E a segunda é a sua manutenção. A ciência política explica isso muito bem – conclui o conviva. – O caminho faz-se caminhando. Mas não é esse o tema que me traz por cá.

– Sou todo ouvidos.

– Sabe tão bem ou melhor do que eu que a União Europeia sofre espasmos, sintoma de uma doença que alguns afirmam ser degenerativa. O que começou com a cooperação da Bélgica, a Alemanha, a França, o Luxemburgo e os Países Baixos, estendeu-se posteriormente a outros Estados. Diferentes graus de economia, de riqueza. Os mais fortes a produzir os outros a consumir, a endividar-se e a encerrar as suas unidades produtivas, a troco de subsídios compensatórios para os nacionais prejudicados. Dissemelhantes Nações a tolerarem-se no mais importante da alma dos seus povos: a identidade, os costumes e tradições, os valores culturais e culturais específicos.

– Talvez não fosse esta a ideia dos seus fundadores, a seguir ao fim da segunda Grande Guerra. Deixaram os tecnocratas à solta. Sabe como é, os governos, embora representem o seu país, têm uma rotação amiúde nas pessoas que os compõem. Alguns não dominam os dossiês, nem têm opinião política sobre a Europa. Outros, em vez de servirem o País, servem os partidos que os elegeram, quando não a eles próprios.

– Olhe que não, senhor Presidente. Olhe que não. No meu Governo, os titulares das pastas são novos, familiares uns dos outros, mas sabedores – defendeu-se o Primeiro-ministro. – Estados-membros, dizia eu, em que pouco mais de metade usa o Euro como moeda oficial. Está a ver onde isto vai dar... A união económica e monetária é um passo importante para a sobrevivência da União Europeia, mas continuamos a várias velocidades. Temo que o Euro e a União Económica e Monetária tenham sido criados para responder aos interesses do grande capital transnacional europeu e dos governos dos países mais ricos, comandados pela Alemanha. O capital não tem cara. A especulação financeira não vai em patriotismos.

– Nós temos sido alunos aplicados. Ainda não perdemos a individualidade, mas para lá caminhamos, em parte, contra a minha vontade, todavia, enquanto Chefe de Estado, não posso emitir a minha opinião.

– O problema reside na nossa soberania.

– Era disso que eu falava.

– Muito mais grave e agora muito mais próximo, senhor Presidente. A soberania do nosso País está em vias de ser violada pelo grupo da frente da UE.

Capítulo 5

Abandonados

As dores eram intensas. Tinha de fazer alguma coisa ou a criança nascia ali mesmo. O relógio despertador marcava uma hora da manhã, a mãe ressonava a bom sono no quarto ao lado e o pai ainda não tinha regressado à base.

A jovem grávida levantou-se, vestiu o fato de treino, por baixo de uma parca polar e foi à casa de banho. Encheu a mochila com uma toalha de banho e duas toalhas de bidé, água oxigenada, um rolo de gaze esterilizada, outro mais pequeno de adesivo e uma tesoura. Depois esgueirou-se até à sala, para telefonar a Carla. Marcou os números, preocupada em abafar o som dos dígitos electrónicos com a mão livre, em concha sobre o aparelho. Ouviu o toque da chamada. A destinatária estava acordada, a preparar-se para um teste de prática clínica de enfermagem. De auscultadores ligados ao computador, escutava absorta *Claire de lune*, de Debussy, quando o telemóvel tremeu em cima da mesa.

– Luísa! – cumprimentou-a, denotando surpresa com alguma curiosidade à mistura. – Aconteceu alguma coisa? Estás bem?

– Ajuda! Preciso da tua ajuda, Carla. Acho que chegou a hora. Que faço, meu Deus? Tens de me ajudar.

– Vai já para o hospital – ordenou a amiga. – Lá estarás segura. Vai tudo correr bem, querida.

– Nem penses! Amanhã seria o fim do mundo em cuecas cá em casa. Vou mas é para a tua casa na praia! Acho que ainda consigo lá chegar em condições. Vai lá ter.

– Mas... Luísa, e depois?

– Depois? Depois logo se vê – comunicou em gemidos, provocados por mais uma forte fígada abaixo da barriga, em sentido descendente. – Anda,

despacha-te! Espero por ti dentro de casa, se chegar primeiro. Não me abandones, porra!

Desligou a chamada e foi pé ante pé até à porta do apartamento. Abriu-a e percorreu tão rápido quanto pôde o corredor do primeiro andar, rumo às escadas. No rés-do-chão, ouviu barulho junto à porta da rua. Pareceu-lhe alguém a discutir. Aproximou-se cautelosamente da entrada principal e espreitou.

O pai tentava empurrar a porta, ao mesmo tempo que condenava o azar de ter deixado as chaves em qualquer lado, não se lembrava aonde. Um solilóquio, no qual apenas se percebia uma ou outra palavra da torrente pastosa da palestra.

Merda! Só faltava mais esta, considerou Luísa, escondendo-se atrás das floreiras.

Ernesto, podre de bêbado, intermediava o falar manso para o trinco da porta com umas valentes porradas na maçaneta e injuriava a fechadura, por não respeitar a sua vontade.

Aproximou-se, entretanto, um casal do terceiro andar, com intenção de entrar no edifício. O avinhado pensou ter o problema resolvido, mas os condóminos, reconhecendo-o, não se deram ao luxo de responder às frases eloquentes de agradecimento por tão oportuna aparição, rapidamente convertidas em raios e coriscos, assim que lhe viraram costas.

Agachada no seu lugar, Luísa roía as unhas e pedia ao seu santo predilecto que a ajudasse naquele momento de aflição. Fez, até, uma proposta comercial qualquer. Em resposta, sentiu a roupa interior a ficar molhada.

“Arrebentaram as águas” – concluiu. Convencida que ia dar à luz, apelou de novo aos bons ofícios do santo, prometendo-lhe mundos e fundos.

No momento em que o pai ia tocar à campainha do primeiro andar, o intercomunicador expeliu a voz de um vizinho a mandar calar o noctívago e a anunciar que a polícia já vinha a caminho. Então, o desordeiro, ao ouvir a palavra-chave, achou preferível voltar ao lugar da procedência, a fim de procurar as chaves de casa. Talvez as encontrasse pelo caminho, caídas no passeio, junto a um qualquer poste de iluminação pública.

Aproveitando a deixa, a gestante sai do edifício e estuga o passo em direcção ao passeio marítimo, de mochila às costas, com as duas mãos a

suster o proeminente globo. Sentia os músculos do útero a contraírem-se, uma pressão invulgar a empurrar o feto pelo canal de parto.

A distância que a separava da vivenda de praia parecia uma eternidade. Pensou em desistir, encostar-se ao muro das casas do caminho, deixar-se escorregar lentamente e ter o filho ali, de cócoras. Mas, uma forte fisgada na vagina fê-la parar. Agarrou-se ao portão de uma moradia. “*É agora! Seja o que Deus quiser*”. Assustou-se com o ruído forte de patas, a querer rasgar a folha do portão, conectado ao ladrar rouco de um cão, por cima da sua cabeça. O sobressalto encorajou-a a percorrer os últimos metros que a separavam da meta.

Carla ainda não tinha chegado. Valeu à abdominosa jovem possuir uma cópia das chaves da porta principal. Abriu-a e entrou na moradia. Dirigiu-se ao quarto, onde habitualmente se submetia às consultas ginecológicas da aprendiz de enfermeira, despejou o conteúdo da mochila em cima da cama, encheu uma cafeteira eléctrica com água do garrafão e, enquanto aguardava que o líquido fervesse, ligou o aquecedor a óleo. Libertou-se depois da roupa e deitou-se na cama preparada para expelir a criança.

A parturiente só sabia que o embrião se apresentava numa posição cefálica e o parto iria acontecer sem anestesia. Tinha indicações da amiga para inspirar fundo, conter a respiração e fazer força, empurrar. Suster a respiração de vez em quando, ajudava ao parto e aliviava a dor.

Quando a amiga chegou, a cabeça do bebé já se encontrava no exterior. Carla lavou as mãos a correr, ajudou a rodar ligeiramente a cabeça e puxou-a para si, permitindo a passagem de um ombro primeiro, depois o outro, e, finalmente, surgiu o corpo de uma menina. Luísa não colaborou na parte final do parto, por ter desmaiado com as insuportáveis dores para uma puérpera de quinze anos de idade.

Um novo ser nasce em qualquer lado, em liberdade ou em cativeiro. A natureza sabe de cor os procedimentos e o corpo humano é uma máquina perfeita e autónoma. A fecundação e o nascimento gozam desses atributos.

As duas mulheres foram corajosas. A semente plantada, numa altura em que a cabeça não pensou, cresceu e deu num fruto, irresponsável pelas faltas dos senhores da plantação.

Quando a novel mãe recobrou os sentidos, continuava deitada na cama. Ao seu lado esquerdo repousava a causa do seu enigma num tempo passado, agora transformado na ameaça futura. A bebé dormitava profundamente, exibindo um delicado sorriso nos lábios. A puérpera não sentiu por ela qualquer afeição. Estava ali um empecilho, que ia estragar-lhe a vida.

Luísa nunca colocou a hipótese de ficar com o seu acidente de percurso. Tinha uma vida à sua frente para gozar. Não era o momento de arranjar mais confusão em casa, de ficar presa, de perder amigos, de deixar os estudos. Onde iria arranjar dinheiro para sustentar o raio da pequena, se ela própria era uma dependente? Não podia colocar mais uma boca às custas da avó materna.

Lá fora, o vento fazia vibrar a janela do quarto, forçando a barreira para inundar o espaço confuso, onde dois seres se encontravam entregues às forças do destino.

O atrupido do mar a enrolar na areia, a menos de cem metros da casa, perturbou mais o ambiente. O estado puerpério da jovem fatigou-a. A súbita queda dos níveis hormonais e alterações bioquímicas no sistema nervoso central obnubilaram-lhe o espírito. Achava-se fisicamente débil e psicologicamente deprimida. Começou a sentir frio, o coração a pulsar numa frequência inusitada. Luísa virou-se, com alguma dificuldade, sobre o seu lado esquerdo, colocou-se a jeito e pressionou a mão direita sobre o rosto da menina.

A pequena face do bebé enrubesceu e os olhinhos, perto de saltarem das órbitas, fixaram-se na mãe, aceitando candidamente o seu destino.

– Pára! Que fazes? Ensandeceste? – gritou Carla, ao entrar no quarto, com lençóis lavados para envolver a bebé. Apercebendo-se das intenções da amiga, atirou-se a ela, agarrou-lhe o braço e aliviou a pressão da mão, que impedia a respiração da recém-nascida. A estudante de saúde, depois de ter afastado a amiga, ajeitou a cabeça da criança e fez-lhe respiração boca a boca-nariz. Três insuflações de ar foram suficientes para regularizar a circulação do oxigénio. A criança encetou a chorar.

Mãe e filha pranteavam convulsivamente. Carla queria atender às duas, mas não sabia como. Optou por pegar na criança ao colo, encostá-la ao peito, e embalá-la ao som de uma melíflua canção murmurada.

No final de algum tempo, a bebé dormitava, entre esparsos espasmos do choro. Carla ordenou à amiga:

– Luísa, dá-lhe mama!

– Nem pensar. Rejeito o fedelho. Vou mas é embora – fez tensões de se levantar, mas faltaram-lhe as forças, ao tentar apoiar-se no antebraço,

– Tem dó, mulher! Amamentar é um acto natural. Além disso, repara como ela suga instintivamente o meu dedo. Está cheia de fome.

– Não! Já disse. Não lhe dou mama, nem lhe ponho um nome. Assim, nenhuma de nós se apodera da outra.

– Deixa-te de merdas – zangou-se a amiga. – A miúda tem de se alimentar. Se não lhe dás o leite, vou tirar-to com esta bomba manual e encarrego-me eu do serviço de ama.

– Faz como entenderes. Dá cá o aparelho que eu tiro o leite. Depois vou-me embora, nem que seja a cambalear. Se os meus pais acordam e não me vêem em casa, matam-me.

– E ela? – perguntou Carla, num derradeiro apelo ao amor de mãe, supondo a resposta. Ao longo da gravidez já tinham abordado a questão e Luísa tinha sido peremptória. – Quem vai ficar com ela?

– Olha – disse Luísa. – Leva-a contigo, dá-a a quem quiseses e não me digas a quem a entregaste!

– Mas é parte de ti, é tua filha!

– A pior parte de mim. Rejeito-a, ouviste? – respondeu de modo irascível.

Dito e feito. Luísa levantou-se a custo, extraiu o leite para o biberão, vestiu-se, e, quando se despedia da amiga, disse-lhe:

– Não quero saber o que vais fazer com ela. Também não preciso que me prestes contas da tua opção. Confio em ti. Chau.

Capítulo 6

O relatório

– Sabe de alguma coisa que escapa aos serviços da Presidência da República? – insistiu o Presidente. – Perder a nossa soberania? Ouvi mal?

– Também foi um choque para mim, quando o secretário do Serviço de Informação de Segurança me entregou um relatório secreto, sobre a actividade do país vizinho e do eixo franco-alemão – acrescentou o Primeiro-ministro.

– Quero ler esse relatório. Quero conhecer o seu teor e razão da sua existência.

– Com certeza. Trago-lhe uma cópia em pdf – respondeu o Primeiro-ministro, passando-lhe para a mão uma *Pen* USB que retirou do bolso interno do casaco. – Os nossos vizinhos sempre andaram de olho em nós por causa da ampla frente marítima, espaço aéreo e dos recursos naturais. Embora sejam o nosso principal parceiro comercial, seguido da Alemanha e da França, cobiçaram constantemente a nossa riqueza.

– Para isso é que serve o grande mercado interno. Para trocarmos os produtos em benefício do consumidor.

– Não lhes basta, aliás, esse ideal já foi. A fome deles é voraz. Nunca pensaram que saíssemos do resgate financeiro; o produto interno crescesse; a inflação e o desemprego diminuíssem ao nível dos grandes; em suma, que recuperássemos da crise. Começámos por antecipar os pagamentos ao FMI e a saldar as nossas dívidas e isso afligiu-os.

– Mas isso é bom para a Europa e para a Alemanha. Quanto maior for o poder de compra dos nossos compatriotas, mais se importam os bens fabricados no exterior.

– Em teoria, sim. Mas a saída impune da União do nosso mais antigo aliado criou uma hemorragia de vontade de sair de outros Estados-membros, quer da União Europeia quer do sistema monetário europeu, difícil de estancar.

O aparecimento dos movimentos cívicos de consciencialização nacional, em crescendo; a capitulação do poder judicial contra a corrupção dos políticos; a popularidade dos partidos radicais em cujos programas defendem a saída de União; a ameaça de outros Estados-membros de não aceitarem o sistema do euro, o que dificulta o controlo do Banco Central Europeu; o Parlamento, a Comissão e o Conselho não têm mão na medrante obscura organização dos técnicos. Por tudo isso e muito mais, os manda-chuva da Europa ou saem também para sobreviverem, ou musculam as regras.

– No estádio em que se encontra a partilha da informação das massas, não vai ser fácil perder a soberania, se bem que os Estados ao aderirem à União já a partilhem ou mesmo a vejam restringida em algumas áreas fundamentais com vista a atingir os objectivos comuns dos tratados fundadores, regulamentos, directivas, etc. – objectou o mais alto magistrado da Nação.

– Não chega, senhor Presidente. Como sabe, o Conselho define as orientações e prioridades políticas gerais da União Europeia. Nas últimas reuniões senti uma invulgar curiosidade dos meus homólogos do Benelux, sob o olhar discreto da Chanceler alemã, que se encontrava muito perto, a conversar com o Chefe de Estado francês, sobre a região Norte do nosso País.

– Será por causa do número de emigrantes ou do despovoamento da região?

– Essa curiosidade também o Governo teve, razão de ter solicitado um relatório ao Secretário-Geral do Sistema de Informações de Segurança.

– E já obtiveram alguma resposta plausível para aplacar a sua aflição? – quis saber o Presidente da República.

– É meu dever, como Primeiro-Ministro, informá-lo que sim. Já temos resultados. Estão na *Pen* USB que lhe acabei de entregar.

As preocupações do governante transmitiram-se ao anfitrião. O Presidente levantou-se, foi buscar o computador portátil que repousava aberto sobre a secretária de trabalho, sentou-se e colocou-o em cima dos joelhos. Depois introduziu a *Pen* no aparelho, abriu o documento e leu-o em diagonal, centrando a atenção nas conclusões.

– Está aqui tudo, preto no branco, um relatório conciso, mas cirúrgico. Eles não querem negociar mais, nem preocupar-se com a diminuição das

disparidades; não pretendem mais alargamentos aos países da Europa Central e Oriental; dão por assente a Europa a várias velocidades. O Presidente fitou o Primeiro-ministro nos olhos e perguntou:

- Diga-me sem rodeios, afinal, o que é que eles pretendem?
- Lítio, senhor Presidente!

Capítulo 7

Que mal fiz eu?

A esbarrigada Luísa percorreu o caminho de volta a casa com o passo acelerado, mais leve e fraco. Sentia dores físicas, especialmente nas costas, que diminuía quando abrandava o passo e uma enorme ardência em toda a zona baixa do aparelho reprodutor. Supostamente, deveria sofrer também sob o ponto de vista moral, por ter abandonado um bocado de si. Pelo contrário. Sentia-se novamente livre. À medida que se afastava da cena do parto, aumentava a distância do passado, tempo para esquecer, sem grande dificuldade.

Faltava pouco para o despontar da aurora. A mãe, quando acordasse, esperava vê-la, como do costume, a tomar o pequeno-almoço. Se falhasse o encontro, iria procurá-la no quarto.

Nunca se tinha ausentado de casa de madrugada. O que menos desejava, nesta altura, era uma discussão. Se conseguisse chegar a casa, antes de a mãe acordar, poderia inventar uma má disposição ou uma gripe, para permanecer no leito o resto da manhã.

Acelerou o passo, esquecendo-se momentaneamente das suas maleitas. O percurso de regresso parecia mais longo. O ar fresco, misturado com esparsos pingos de chuva arrastados pelo vento, batia no rosto da caminha. Levantou a cara, com a intenção de ampliar a área de incidência da pluviosidade. Tonificada, começou a correr encostada aos muros das vivendas, mas a certa altura, as pernas falharam e o corpo vagueou no espaço, em câmara lenta, sem responder aos comandos do cérebro. Antes de se estatelar no passeio, Luísa, pressentindo a aproximação ao solo, protegeu a cara com o antebraço, encolheu-se instintivamente, permitindo-lhe amortecer o impacto, e rebolou no piso, onde ficou estirada, em cima de uma pequena poça de água.

Levantou-se a custo. Verificou não ter nada fracturado, apenas umas ligeiras escoriações no dorso da mão direita. Maldisse a pouca sorte. Espremeu a manga do casaco encharcada e reiniciou a caminhada.

Ao aproximar-se do prédio onde vivia, cuidou de não ser vista, evitando a iluminação pública. Dali a nada, os primeiros residentes começariam a sair para o trabalho. Certificando-se que não seria descoberta, atravessou a Rua José Régio e penetrou no átrio do edifício. Subiu o lance de escadas até ao primeiro andar e reparou que deixava atrás um rasto líquido. Abriu lentamente a porta do apartamento, espreitou o seu interior e, como estava tudo sossegado, sem acender a luz, percorreu, num ápice, a distância que a separava da casa de banho. Tirou a roupa, colocou-a dentro de um saco de plástico, enxugou o cabelo e vestiu a camisa de dormir, suspensa atrás da porta. Encaminhava-se para o quarto, quando foi interceptada por um vulto.

– Ouve lá, ó vadiola, de onde vens tu a estas horas? – gritou-lhe o pai, numa voz empastelada. Tresandava a elevada concentração etílica, à mistura do odor a fumo de tabaco.

– Chiu! Fale baixo! Olhe que ainda acorda o prédio.

– Ouve lá, ó cabrona! A mim não me mandas calar, ouviste? Se pensavam que eu não tinha chaves para entrar, enganaram-se redondamente – concluiu a frase, exibindo um sorriso amarelo de vitorioso. Ignorava, contudo, que a filha, ao sair de casa, tinha assistido à triste figura que ele fez, ao forçar a entrada no edifício por ter perdido as chaves algures.

A menor estremeceu com a pancada que recebeu de raspão na cabeça. Valeu-lhe a lentidão, a falta de destreza do agressor. O movimento reflexo de defesa, associado à bordoadada, desequilibrou-a. Embateu de costas contra a cantoneira metálica. Os bibelôs de porcelana, ali expostos, partiram-se ruidosamente, um a um, ao tocarem o chão.

O ofensor avançou de novo para a vítima de braço levantado. Na mão flutuava o cinto das calças. Luísa mal teve tempo de se abaixar. Apenas conseguiu proteger a cabeça sob os braços cruzados, antes de sentir o contacto do cabedal. Aceitou estoicamente a punição, como penitência das escolhas feitas ao longo da sua curta vida.

O ofensor batia repetidamente na filha, gritava impropérios e espumava pela boca desconfigurada num rosto vermelho, transfigurado.

Cinco, seis, sete...

Um som metálico, a embater numa coisa dura, interrompeu o castigo corporal.

O carrasco levou a mão livre à cabeça. Retirou-a e viu sangue. Instintivamente, completou um movimento circular horizontal para trás, com o braço que segurava o cinto e acertou com a ponta da correia na mulher, quando ela se preparava para lhe infligir de novo a frigideira. O efeito defensivo foi alcançado. A sertã, desta vez, acertou, à sorte, no ombro do homem.

– Deixa a tua filha em paz, cabrão! Só fazes merda – gritou a mulher, em combinação, descalça, disposta a defender a cria.

– Ai, filha da puta, que te vou partir os cornos.

– Anda, avança para mim, se és homem. Aliás, de homem já não tens nada.

Uma mulher pode dizer a um homem um rosário de verdades. Dizer-lhe que não vale nada, já tem um sentido aviltante. Mexe com a masculinidade. A disfunção erétil é a fonte de todos os mal entendidos. Custa abordar a desilusão libidinosa: a uns, dá para se tratarem; a outros, para se fecharem sobre si mesmos, num casulo, afastando-se da mulher, família, amigos ou da própria vida; a alguns, para se refugiar na bebida, para esquecer; a maioria, para beber e infligir maus tratos a quem outrora desfrutou com eles a funcionalidade erétil.

No caso do marido, abordar o tema da impotência foi má ideia. Fez-lhe soltar a tampa e deixar vir ao de cima os recalcamientos e frustrações, potenciados pela bomba do álcool.

Os contendores, num frente a frente inevitável, sem regras no duelo, não se pouparam. Avançaram um contra o outro, como dois cães de combate enraivecidos. Agarraram-se e reboaram juntos pelo chão da sala, a derrubar cadeiras, jarros, vasos de flores apanhados no vórtice. Ele levou a melhor e ficou por cima, montado sobre as coxas do cônjuge, apoiado nos joelhos.

O atacante esmurrava os flancos, por baixo dos peitos da mulher, sem dó, nem piedade. Chica bradava com a dor. Engolia o ar com dificuldade, de cada vez que recebia agressões nas costelas. A cerra altura, soergueu o tronco e com as duas mãos agarrou o pescoço do homem, na tentativa de proteger o rosto com os braços esticados e com habilidade felina, conseguiu libertar um

pouco a perna direita e desferiu uma violenta joelhada nos genitais do marido, que continuou como se nada fosse, impregnado de uma adrenalina prorrogada pelo sangue quente, a escorrer-lhe pela face.

Em resposta ao jogo baixo da adversária, o montador pressionou os dois polegares nos olhos da consorte, afundando-os com força. Com esse feito, conseguiu libertar o pescoço das garras que lhe espetavam as unhas na carne, de imediato transferidas para os pulsos que comprimiam os olhos contra os ossos do crânio.

Alertada pelos gritos de dor da mãe, Luísa pegou na mesma frigideira e empregou toda a sua força ao bater com ela na cabeça do pai. O progenitor desfaleceu de imediato, caindo de borco sobre o corpo que dominava.

Chica saiu, a custo, debaixo do corpanzil pestilento do esposo. Abraçou a filha e começaram as duas a chorar.

Luísa sentou-se na alcatifa, encostada à parede, com a cabeça da mãe deitada sobre o seu regaço, num momento ímpar de amor entre duas criaturas umbilicalmente ligadas na desdita.

Entretanto, o único ser na casa que não estava virado para lamechices recobrou lentamente os sentidos. Levou a mão à cachola e comprovou ter outro lenho. Olhou pelo canto do olho e descobriu o cabo da famosa sertã. Estendeu lentamente o braço e apanhou-a sorrateiramente. Rastejou com a arma na mão em direcção às madalenas, de tal modo enredadas na amargura que não se aperceberam do perigo a aproximar-se.

– Amor com amor se paga – vociferou o marido. O som do traumatismo craniano fatal sofrido por Chica foi absorvido pelo impacto do metal.

Apercebendo-se do decesso da mulher, nos braços da filha, o homicida atirou-lhe as culpas para cima – Estás a ver o que fizeste?

– Eu? O pai é um assassino. Vou chamar a polícia.

Luísa retirou o corpo inerte da mãe de cima de si, levantando-se a custo, afastou o pai do caminho e dirigiu-se ao telefone. Teclava o terceiro dígito do 112, quando recebeu nas costas o embate da fritadeira, que a fez abater sobre a mesinha de madeira do telefone, perder o equilíbrio e voltar ao chão, onde ficou estendida ao comprido. Ensaiaava a coordenação dos movimentos de levantar-se, quando apanhou de novo com o famigerado instrumento da cozinha, sob o lado direito do lombo, mesmo em cima do rim. Sentiu

imediatamente a perna do mesmo lado paralisada. Desequilíbrio-se e voltou a cair com a barriga para baixo. Imobilizada em sofrimento, pressentiu a aproximação do atacante, pronto a desferir-lhe o golpe de misericórdia.

A sorte da vítima foi o agressor aproximar-se pelo lado oposto à parte do corpo hemiparético. Em agonia, Luísa reuniu a energia que lhe restava. Virou o pé para fora, puxou o joelho esquerdo acima o mais que pôde e desferiu um pontapé na canela do pai.

Com o coice, o progenitor iniciou um movimento incontrolado de queda para cima da filha. Esta, apercebendo-se da caída, agarrou num caco de cerâmica pontiagudo, da jarra de porcelana partida junto a si, rebolou sobre a parte esquerda do corpo e, no momento em que o corpo passava junto a ela, espetou-lhe o objecto no pescoço.

Entrementes, chegara a polícia, alertada pela vizinhança. A autoridade bateu à porta do apartamento. Não obteve resposta. Depois de mais três tentativas, em vão, os agentes atiraram os ombros contra a porta, que cedeu, permitindo livre acesso à habitação.

No chão da sala de jantar, dois corpos jaziam cruzados. Via-se sangue espalhado na cara, no pescoço, na parte superior do corpo das vítimas, e num largo círculo em seu redor, na tapeçaria.

O graduado de serviço avisou:

– Pára aí, Vasco. Vê onde pisas, para não contaminares as provas. Comunica à esquadra para avisar a emergência médica.

– Peço também para avisarem o Ministério Público?

– Claro, homem! Esse não pode faltar, senão, quando souber que não foi avisado por nossa culpa, dá-nos uma desancada de criar bicho.

– E a delegada de saúde, também?

– Espera aí! – ordenou o oficial de dia, farto de explicar as regras de procedimento ao subalterno. Aproximou-se dos corpos. O homem estava morto, esvaído em sangue provindo da carótida cortada. – Sim, tens razão. A delegada de saúde que venha também. – De seguida, justapôs os dedos indicador e médio na jugular de Luísa e sentiu uma ténue pulsação. Aproximou o ouvido das fossas nasais da inanimada, confirmando estar viva. – Temos aqui um ferido. Vai lá fazer o que te disse. Depois vem ajudar-me a reanimá-la que eu vou adiantar serviço.

Do local onde efectuava as manobras de suporte básico de vida, o agente de autoridade detectou, mais à frente, no corredor de acesso aos quartos, outro corpo, torcido, em posição de decúbito dorsal, com os braços estendidos acima da cabeça, como se tivesse sido arrumado à pressa. Viu uma poça de sangue junto ao corpo. Um líquido espesso vermelho manchava o soalho de madeira sintético, em direcção ao rodapé.

– Vasco! Diz-lhes que temos três pessoas no apartamento, cheias de sangue. Uma carnificina! Pede também para chamar a polícia judiciária.

O menos graduado, depois de ter cumprido as ordens, aproximou-se do colega. Face ao cenário macabro, nunca antes visto, apoderou-se dele uma sensação de mal-estar, um desconforto estomacal. Os músculos abdominais contraíram-se, tapou a boca com o lenço, rapidamente sacado do bolso das calças, e começou a sofrer vómitos.

– Porra, pá! Vai lá fora apanhar ar. Vai, vai. Desanda daqui!

Capítulo 8

Desesperados

A gestante mostrara indiferença total pela semente que germinara dentro dela. Inicialmente, Carla recusou-se a acreditar que Luísa fosse assim tão fria, desumana. Quando, por fim, se capacitou que as intenções dela eram sérias, pensou num plano B para a recém-nascida. Tinha de se apressar, não podia ficar com a criança nas mãos.

A pouco mais de setenta quilómetros dali vivia um casal seu conhecido, ambos funcionários públicos, ele professor convidado da escola de enfermagem frequentada por Carla, ela administrativa no centro de saúde, dez anos mais nova do que o marido. O cônjuge mulher, de licença sem vencimento há três anos, optara por tentar engravidar. Só que, das vezes que conseguiram ter esperanças, a decepção ocorria invariavelmente por volta do terceiro ou quarto mês. Malogradas as tentativas, debalde recorreram a ajuda médica e laboratorial.

Desesperados, o casal passou à fase seguinte, colocando em causa o ditado popular “homem velho e mulher nova, filhos até à cova”. Sem que a família e os amigos mais íntimos suspeitassem, iniciaram o processo de adopção, a começar pelos documentos, exames médicos físicos, psicológicos e outros prolegómenos, tendo sido logo advertidos que muitos eram os candidatos, poucos os escolhidos.

Truz, truz, truz.

O som do batente na porta entoou no silêncio da noite como poderosas marteladas secas a serpentearem pelo prédio adentro, com passagem pelo salão de entrada, escadaria e corredor, até chegar ao interior do quarto, no primeiro andar.

Truz, truz, truz.

– João! Acorda, querido.

Truz, truz, truz.

Júlia acendeu a luz do candeeiro da mesinha de cabeceira, sentou-se na cama e abanou o marido.

– Hã? Quando? Quê? Onde? – acordou o marido, sobressaltado.

– Ouviste bater à porta da rua?

– Achas? Então não me acordaste? – rezingou o consorte, estremunhado. Olhou para o mostrador do relógio que certificava as cinco horas. – Tens a certeza?

– Sim, João. Veste o robe e vai lá baixo ver o que se passa.

O homem levantou-se e dirigiu-se ao roupeiro. Correu a porta, esticou os braços e retirou de trás da prateleira um estojo em madeira. Abriu a caixa, de onde extraiu um revólver *Colt Peacemaker*, calibre 45, herdado do pai. Depois, vestiu o robe e saiu do quarto com a arma empunhada na mão destra, seguido pela mulher.

Desceram a escadaria em mármore encostados à parede exterior. No andar térreo, passaram pela cozinha, olharam para o vídeo porteiro, na esperança de identificar o visitante madrugador.

No monitor não se via viva- alma, apenas o jardim adjacente à casa e o portão exterior, semiaberto.

Júlia sibilou ao ouvido do marido “*serão ladrões?*”

– Querida – respondeu ele –, os ladrões não costumam anunciar-se a estas horas.

A curiosidade, misturada com a adrenalina, conduziu-os até à porta principal da casa. João espreitou pelo olho do boi, confirmando a imagem vista no vídeo. Fez sinal à mulher para não fazer barulho e puseram-se, quedos, à escuta. Nada!

Vagidos, provenientes do exterior, chamaram a atenção dos moradores.

– Ouves o mesmo que eu?

Ela fez que sim com a cabeça. Prestaram mais atenção. Encostaram o ouvido à porta. Silêncio.

Um pranto soou do exterior.

Olharam um para o outro, encheram-se de coragem e João, mantendo a corrente de segurança da entrada, rodou a chave. Entreabriu um pouco a porta, com o pé esquerdo encostado atrás, a servir de travão, continuando a.

segurar a pistola na mão com firmeza. Espreitou para fora. Viu uma mochila no chão com algo no interior a provocar-lhe ligeiras oscilações.

Outro som proveio do interior do saco.

João endireitou-se, virou-se para a mulher e segredou-lhe:

– Acho que está ali um bebé dentro de uma mochila, em frente da nossa porta. Ora espreita lá – afastando-se da frente, para ceder o lugar à mulher.

– Temos de fazer alguma coisa, João. Será uma cilada?

– Pode ser, mas não se vê ninguém por perto. É estranho. Tens razão, temos de fazer alguma coisa. Vou telefonar à polícia – resolveu o marido, voltando a fechar a porta.

– Estás doido, ou quê? A polícia não é para aqui chamada. Anda, vai mas é buscar a mochila cá para dentro!

Um bilhete preso à alça da mochila, com um alfinete de bebé, dizia assim:

“Olá! Tenho cinco horas de vida e já vos conheço há imenso tempo. Sei que são umas jóias de pessoas, mas faltava-vos eu. Vocês são tudo o que me resta. Por favor, não desistam de mim.

P.S. Ainda não fui examinada por um médico, faltam-me as vacinas todas e não estou registada no civil.”

– Oh, que lindo! – adiantou Júlia, ao retirar a criança de dentro do saco, com mil cuidados – Olha João, que coisinha fofa!

– Não percebo – respondeu o marido, ainda embasbacado com o sucedido. Voltou a ler o bilhete. – Abandonaram o bebé em nossa casa e pedem-nos para tomar conta dele...

– Dela, João! Bendito seja Deus que ouviu as minhas preces! Ainda por cima uma linda menina – proferiu a mulher, depois de certificar o género enquanto o marido discernia. Apertava a criança contra o peito a oferecer-lhe protecção, num abraço carinhoso de boas vindas. – Podemos ficar com ela?

– Em primeiro lugar, temos de participar o caso às autoridades. A criança precisa de ser vista por um pediatra. Pode padecer de alguma doença ou estar desidratada.

– Mas, João, assim eles vão tirar-me o presente, quer dizer, a bebé – protestou a esposa, disposta a não abrir mão da dádiva.

– Sim. A PSP avisará a Comissão de Protecção de Menores e, se calhar, será institucionalizada ou entregue a uma família de acolhimento. Depois temos de concorrer à sua adopção com os demais interessados.

– Achas mesmo? Mas há algum risco para a criança, se ficar connosco?

– A Comissão parte do princípio que sim. Nós, nem família de acolhimento somos, pelo menos registados oficialmente. Só depois da visita das assistentes sociais para certificação das condições habitacionais, sociais e económicas e face ao registo criminal de cada um de nós, é que o Estado corre o risco de entregar a menor. Podemos inscrever-nos como família de acolhimento, mas leva o seu tempo e temos de dar início da actividade nos serviços de Finanças como trabalhadores independentes – explicou o marido. – Mas não é seguro que optem por nós. Além disso, as pessoas ou famílias de acolhimento não podem ser candidatas a adopção.

– Família de acolhimento, não! – protestou Júlia, a embalar o bebé deitado sobre os seus braços. – Mais papelada não, por favor. Já basta a que preenchamos no centro de adopção onde estamos inscritos. Já te esqueceste daqueles questionários chatérrimos?

– Ok! – concordou João. – No entanto, o exercício do poder paternal pertence aos pais. O ser humano não é transaccionável. Os progenitores não podem ceder os filhos a terceiros, de borla ou a pagar.

– Mas não sabemos quem são os pais para a devolvermos – articulou a candidata a mãe, num tom de voz mimado enquanto dedicava carícias à enlaçada recém-nascida.

– É assim que funciona o sistema, minha querida!

– Podemos ficar com a bendita, João? – insistiu, com o seu olhar humano mais irresistível.

João olhou para a companheira de uma vida. Tinham passado juntos momentos de esperança e de decepção, perante as notícias de fecundação e dos abortamentos de repetição, durante os últimos anos em que tentaram engravidar. Custou-lhe imenso ver a mulher a sofrer e a lutar sem desfalecimento até ao derradeiro diagnóstico médico: «a anatomia do útero impede o desenvolvimento da gestação». O ventre de Júlia continha irregularidades em forma de pequenos quistos que impediam a nidificação.

Agora, não eram só os olhos, mas toda a expressão facial e comportamental de Júlia a transbordar de uma alegria inusitada. Se a mulher estava feliz, ele também se sentia afortunado. O casal encontrava-se radiante. A petiza, ao colo, também.

O homem abraçou a mulher e a criança, apertando-as contra si, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Três pessoas, numa só essência: o amor.

Quando conseguiu articular as primeiras palavras, acrescentou:

– Bom. Vai lá tratar da mala de viagem. Vamos sair durante uns dias. Calha bem ser sexta-feira. Mais logo, telefono para o gabinete a avisar que vou estar ausente em investigação científica durante três ou quatro dias, e, pelo caminho, aviso o meu irmão que vamos ter ao consultório médico dele.

– E levamos a pequenina connosco? – Indagou a candidata a uma nova vida familiar, com o semblante carregado, resoluta em não deixar manifestar qualquer dúvida na resposta.

– Claro, amor! Claro. Todos por um. Não é isso que queres?

– Sabia que não me ias desiludir – disse-lhe, a procurar os lábios dele, para selar o trato. – Vamos passar por uma loja de roupa de bebé para lhe arranjar umas coisinhas bonitas de vestir e numa farmácia para comprar artigos de higiene, biberões, leite em pó, fraldas, soro fisiológico, essas coisas todas.

– O melhor é esperar pelo exame que o meu irmão irá fazer à menina. Ele, depois, prescreverá do melhor que há para ela. Quanto ao leite, biberão e fraldas, a mochila está farta.

– Ela? Ela, não tem nome?

– É outra coisa com que temos de nos preocupar.

– Sim, tens razão. E que nome lhe vamos dar? – interrogou a mulher, ao mesmo tempo que levantava o dedo indicador da mão direita, no sentido de saber a resposta.

Júlia conhecia bem o marido. Quando se tratava de negociar, era necessário fazer como os sindicatos e os patrões, quando negoceiam os acordos colectivos de trabalho: uns pedem muito e os outros oferecem pouco; depois, vão se aproximando em recíprocas cedências, baixando e elevando o valor das propostas, respectivamente.

– Juliana – disparou a protectora. – Um nome maravilhoso, não achas?

– E que tal Joana – retorquiu o marido. – É um nome de origem hebraica e significa "agraciada por Deus", "abençoada por Deus", ou mesmo "presente de Deus".

– Tu queres é perpetuar o teu nome, desta feita no feminino. É um nome bonito, mas não concordo.

– E tu, não? O que te levou a sugerir Juliana? Parece-me um nome familiar – lembrou João.

– Há vinte minutos que temos um filho e já polemizamos quanto ao seu nome. A criança, em vez de nos unir, ameaça criar cismas – disfarçou Júlia a tentativa de impingir um derivado do seu nome.

Em silêncio, cada um fez um rápido balanço de consciência e procurou a concertação. Urgia arranjar um nome próprio, a lembrar a encantadora dádiva. Afinal, aquela bebé era a filha que tentaram ter e que não conseguiram.

Dirigiram-se os três ao quarto onde momentos antes estavam longe de sonhar tamanha felicidade. Enquanto prepararam as malas, a linda visita dormia em cima da cama. A rotina do casal alterou-se. Revezaram-se na guarda, enquanto o outro tomava um duche rápido. Aprontaram-se. Encheram a mala com roupa prática, sem perder de vista a abençoada menina.

Despontavam os primeiros raios do dia. Aos olhos do casal, o planeta tinha agora uma cor mais viva, mais alegre. O orvalho matinal, depositado nas folhas verdes das roseiras vermelhas plantadas junto ao muro da vivenda, respingava no mosaico fulvo do pavimento do jardim. A luz difusa dos dois candeeiros, em cima das pilastras, empurrava o resto da noite para lá do portão da rua.

Capítulo 9

A vida continua

A sobrevivente do caos familiar acordou na enfermaria do Hospital. Olhou à sua volta. Não se encontrava só. Existiam mais quatro camas a eito, todas ocupadas. Sentiu uma pressão no dorso da mão esquerda. Levantou um pouco o antebraço até conseguir ver a mão meio oculta por um adesivo branco sobre uma protuberância de onde pendia um tubo de borracha transparente. “*Estou a receber soro*”, concluiu. Acompanhou a subida do tubo e reparou que o saco do líquido estava quase no fim.

Sentia ainda o corpo dorido, mas sabia que não tinha sido ferida. Urgia sair dali o mais depressa possível. Lembrou-se do sucedido. Não lhe agradava ser institucionalizada, agora que era órfã, e, na pior das hipóteses, chamada à justiça para explicar a balbúrdia sucedida no apartamento, especialmente a morte do pai, cujo cadáver se encontrava sobre si quando os polícias chegaram ao local, com a carótida cortada por um pedaço de cerâmica com as suas impressões digitais. Mais. “*Devem ter-me feito um exame e detectado que dei à luz muito recentemente*”. Lamentou a perda da mãe, seu único amparo.

Alguém estava a entrar na enfermaria. Virou-se para o lado da porta, a tempo de ver uma enfermeira, entradota na idade, a arrastar um pé. Empurrava o carrinho de medicamentos com várias gavetas e prateleiras, sobressaindo, na parte superior, duas garrafas de água mineral e vários copos de plástico.

– Hora do tratamento! Preparem-se minhas lindas – advertiu a profissional, em tom avosal.

A candidata à reforma, que tardava, dirigiu-se na sua direcção e disse:

– Bom dia, minha querida! Então, como passaste a noite, ou, por outra, a madrugada, já que deste entrada ao alvorecer. Devias ter muita sede, linda – continuou a enfermeira, querendo cativar a paciente –, pois, só à tua conta,

foram duas garrafinhas – indicando com um movimento dos olhos o frasco do soro.

– Bom dia – respondeu Luísa, disposta a obter as informações que necessitava para preparar a sua “alta”. – Não me lembro de nada.

– Pudera, coitadinha! A tua amnésia é fruto do caos em que te encontraram em casa. Entraste na urgência em estado de choque. Se há coisas boas que o ser humano tem, uma delas são os neurotransmissores. Transportam umas substâncias químicas ao cérebro para protecção de traumas psicológicos. Isso passa. Aparentemente, não tens nada de especial, salvo o sangramento vaginal que foi para análise. Ainda estás sobre o efeito da medicação.

– Que horas são? – perguntou Luísa, na tentativa de desviar a conversa. Mais tarde ou mais cedo saberiam que a hemorragia não se devia a qualquer ferimento ou ao ciclo menstrual.

– Nove horas – respondeu a enfermeira. – Hora de substituir esse fiasco de soro, por este novinho em folha. Tens de estar boazinha para quando cá vier o inspector da polícia judiciária fazer-te umas perguntas. – Agora que acordaste, o teu armário é aquele ali, ao lado da porta. Apenas contém as sapatilhas já que o resto da roupa estava sangrentada. Tens uns chinelos debaixo da cama e o robe sobre esta cadeira. Podes ir à casa de banho, mas tens de te levantar devagarinho, deixares-te estar sentada um bocado, por causa das vertigens e de levar contigo o carrinho do soro.

Enquanto a profissional de saúde seguia o percurso pelas outras camas, a distribuir a medicação oral com a ajuda dos copinhos com água, Luísa concluiu que o seu destino não seria ficar ali à espera do inspector da judiciária.

Assim que a enfermeira se afastou a mancar, levantou-se, como ela lhe tinha acabado de ensinar, calçou os chinelos, colocou o robe sobre os ombros, pegou no tripé rodado do soro e foi à procura da casa de banho. Aproveitou para fazer o reconhecimento do percurso da evasão.

A enfermaria, onde se encontrava, secundava a ala da pediatria. Descobriu um corredor ladeado por acomodações de higiene colectiva, destinadas ao sexo feminino, gabinetes de médicos e de enfermeiros, uma pequena cozinha de apoio à distribuição das refeições. Ao fundo ficava a sala

de operações. Sensivelmente ao meio do corredor, do lado esquerdo, existia uma saída. Pelo menos, foi por aí que apareceram duas auxiliares de limpeza, provindas de umas escadas de madeira, pelo ranger do piso. Concluiu estar num andar superior. Seguiu cautelosamente as indicações no chão do corredor. Ao passar por uma janela, conferiu estar no segundo ou terceiro andar. Àquela hora da manhã a visitas aos doentes era inacessível e o pessoal escasso.

Regressada à enfermaria, Luísa procurou o seu armário, abriu-o e retirou de lá de dentro as sapatilhas. De seguida, abriu a porta do cacifo ao lado e puxou uma pequena mala de viagem do seu interior, pousando-a no chão. Encobriu o gesto com o seu corpo, de modo a que as restantes enfermas não tivessem visão livre para o que pretendia fazer. Abriu a mala e agradeu-lhe o achado. Desviou do interior da caixa alheia um par de peúgas de desporto, uma camisola de algodão de mangas curtas, um fato de treino e uma carteira porta-moedas. Voltou a colocar a mala no sítio. Ergueu-se, com o produto do furto escondido dentro do robe, e saiu da enfermaria em direcção a um compartimento individual da casa de banho, onde se fechou. Longe dos olhos denunciadores, descolou cuidadosamente o adesivo da mão, extraiu o cateter e recolocou o penso. Encostou o carrinho do soro atrás da porta do banheiro, vestiu-se e abandonou o local, como quem não quer a coisa.

No fundo das escadas, a evadida teve de fazer uma opção: se seguisse pela porta principal, o funcionário da recepção iria pedir-lhe satisfações e isso complicar-lhe-ia a vida; se, por outro lado, saísse naturalmente pela urgência, pensariam que era mais uma doente, que tinha acabado de ser atendida e se ia embora do hospital. Escolheu a segunda via.

Uma vez na rua, questionou-se aonde ir. Levou a mão ao bolso, apertou o porta-moedas. O volume tacteado esperançou-a de ter algum dinheiro para as primeiras necessidades. Sem alternativa, dirigiu-se para a casa da praia, onde horas antes tinha sofrido outras dores.

Capítulo 10

Não sei de nada

Júlia fez toda a viagem sentada no banco de trás do carro, ao lado da cadeira de bebé, onde a novel membro da família dormia refastelada.

O casal saíra de casa bem cedo, em direcção a um centro de saúde mais a Sul, onde o irmão de João exercia pediatria. Esperavam que o médico os ajudasse a obter a documentação necessária para a inscrição da cachopa na conservatória do registo civil.

Pararam numa estação de serviço para matabichar.

De novo ao volante, atento à condução, João olhava de vez em quando pelo retrovisor. Estava orgulhoso de ser frutífero, se bem que não se tratasse de um filho biológico, mas era como se o fosse. Ninguém sabia. Seria o segredo guardado pelos dois a sete chaves. Respirou fundo. Desejava que a sua vida fosse um filme, para carregar no botão de pausa.

Tudo parecia correr sob a protecção da divina providência. Os amigos e familiares mais chegados sabiam das suas tentativas em conceber. Precisavam de um pediatra, e o irmão estava à sua espera.

A imagem do rosto da mulher encostado à linda menina a dormir com um ligeiro sorriso nos lábios, trouxe-lhe um sublime momento de felicidade.

No silêncio radiante da viagem, João reflectia na opção que ele e a mulher tinham aceite: ficar com a criança; fazê-la sua, sem seguir os trâmites legais da adopção. Se fossem descobertos, retirar-lhes-iam a criança e seria um escândalo social, além do eventual processo-crime.

Um casal paladino da moral, enodado por um acto altamente repreensível. Como sempre, apareceriam diversas facções: uns a apoiá-los, a enaltecer a coragem de correr o risco para fazerem um ser humano feliz, um nobre gesto de amor genuíno; outros a recriminar a conduta; alguns deixariam

de lhes dirigir a palavra; perderiam relações com quem, até ao momento, pensavam ser seus amigos; seriam apontados na rua por muitos.

Uma coisa era certa: pelo sim, pelo não, quando regressarem a casa, e depois da apresentação da filha à cidade e ao mundo, vão mudar de localidade. Sairiam, logo que possível, do local onde criaram raízes, apenas lá voltando para responder em tribunal pelos seus actos, caso viesse a ser descoberta a ilicitude da sua conduta – falsas declarações no registo civil e, na pior das hipóteses, sequestro de menor.

Júlia, entretanto acordada, fitava os olhos do marido pelo mesmo espelho que ele a apreciava. Pareceu ler-lhe os pensamentos ao perguntar-lhe:

- João, e se alguém nos denunciar às autoridades?
- Estava a pensar nisso mesmo. Pareces bruxa, mulher!
- Agora que me passou a adrenalina do primeiro grande feito, começo a pensar na situação.

- Quem é que achas que vai denunciar-nos?
- A mãe biológica, não?
- E quando? Quanto mais tempo demorar a fazê-lo melhor para nós. A filha cresce e reconhece-nos como seus verdadeiros pais, pois fomos nós que cuidámos dela, lhe demos formação, carinho e estivemos a seu lado quando mais precisou.

- O remorso poderá fazer com que ela venha reclamar a filha. Não é a primeira vez que isso acontece...

- Antes de fazer o quer que seja, virá falar connosco. Nessa altura, veremos as circunstâncias necessárias para comprar o seu silêncio. Ela também se portou mal ao abandonar a filha e poderá perder a sua custódia. Não ganhará nada em recorrer à justiça. A conversar é que a gente se entende.

- A prova da filiação está no teste do ADN.
- Nessa altura, daremos luta. Será o combate entre a verdade biológica e a afectiva. O afecto também tem valor jurídico na procura do superior interesse da menor.
- Já pensaste se a mãe biológica for pobre e não puder dar à nossa menina o mesmo conforto e condições de vida?

– Bom. Se ela for indigente, drogada, alcoólica, ou tiver um comportamento moral desaconselhável ao salutar crescimento da criança, não há juiz que nos retire a filha. Aliás, a Comissão Nacional de Protecção de Jovens e Crianças em Risco interviria logo. Nesse particular, ficaremos a ganhar.

– Sim. Mas se for apenas uma pessoa sem grandes posses?

– Nesse caso, negociamos a custódia, não, meu amor? – completou João a resposta, sabendo bem que, no fundo, o que dizia era uma figura de retórica. A resposta já tinha sido avançada pela psicologia. Uma boa percentagem dos filhos abandonados ou dados à nascença para adopção, não se importam de andar mal vestidos e de passar privações, desde que regressem ao coração maternal.

Júlia vivia longe da realidade. Importante para ela, naquele momento, era envolver a mãozinha rechonchuda da infante, fazê-la sentir-se bem-vinda. Correria Ceca e Meca, a defender a sua cria. O marido estava certo, tinham ainda a hipótese de negociar a situação. A austeridade batia à porta. Começavam a faltar empregos. Os centros de apoio social tinham longas listas de espera. Felizmente, para ela e o marido, a vida não estava difícil. Gozavam de prosperidade, fruto do trabalho, de fazerem uma vida regrada e, por mais que aumentassem os impostos, fechassem empresas, a taxa de desemprego subisse, o seu poder de compra não sofreria, sequer, uma leve beliscadura. João tinha sabido distribuir os rendimentos do trabalho do casal, das rendas e de capital por vários cestos seguros, alguns, até, fora da zona euro.

– E o pai?

– Qual pai? – perguntou João a denotar alguma surpresa.

– Se o pai biológico reclamar os seus direitos de paternidade?

– Outro problema a resolver a seu tempo – acrescentou o marido.

Tecnicamente seriam muitos anos a viver na corda bamba sem rede por baixo. Fosse quem fosse que pretendesse tirar-lhes a filha, teria de se haver com os órgãos de controlo do poder e João sabia a quem bater à porta a cobrar os favores que espalhou desinteressadamente, ao longo da sua vida.

À medida que reflectia, o casal, sem trocar mais palavras sobre o assunto, interiorizava a questão como tabu. Estavam decididos a ficar com a oferta. Cumpririam a vontade da mãe biológica.

Júlia endireitou-se na cadeira e juntou a boca ao ouvido do marido.

– E se a criança foi roubada?

– Ó querida, relaxa um pouco, vá lá! Lembras-te de cada coisa!

– Temos de pensar nas várias hipóteses, não achas?

– Claro. Mas coisas com cabeça, tronco e membros. Então, alguém rouba uma criança e entrega-nos, sabendo que somos pessoas avisadas e que uma das hipóteses era devolvermos a bebé às autoridades?

– Lá isso é verdade...

– Não penses mais nisso. A seguir ainda vais perguntar se não serei eu o pai biológico da fedelha e usei um estratagema para a introduzir no nosso lar.

– Mais essa. Ainda bem que me lembraste. Contudo, do mal, o menos. Nesta altura do campeonato, não me importava nada se isso fosse verdade. Era um trunfo do nosso lado. Mas olha que, mais para a frente, se calhar, não te livrarás de um examezito – disse a mulher, mais descontraída. Virou-se para a companheira de banco traseiro e acrescentou. – O paizinho é um maroto, não achas minha linda?

A destinatária da frase amável dormia, alheia aos problemas que a sua vinda ao mundo criou. Júlia afagou-a, num movimento lento descendente da cabeça ao queixo. A bebé sentiu a mão quente da protectora, dispensou um sorriso celestial e continuou no seu mundo.

Chegados ao destino, o trio dirigiu-se directamente ao centro de saúde, onde Victor, irmão do João, os esperava no gabinete de pediatria. Os primeiros momentos da conversa, depois dos efusivos cumprimentos, destinaram-se a colocar o mano a par do segredo. Seguiu-se a primeira consulta pós-natal. O médico preencheu o respectivo livro de saúde e, no fim, perguntou:

– O nome da criança?

Os candidatos à formalização do registo olharam um para o outro. Tinha chegado o momento de tomar posse. O nome era importante para se apropriarem da recém-nascida.

– Benedita – avançou Júlia, decidida.

– Benedita!? – estranhou o marido. – O que é que te deu para, assim de repente, alvitrares esse nome?

– Foi uma inspiração de momento. Um sussurro de Deus. Repara – continuou ela de forma eloquente. – Há quanto tempo que tentamos um filho?

O que já sofridamente fiz para que o conseguíssemos? Esta criança aparece numa altura em que fomos enganados pelos médicos. Eis que a divina providência se lembrou de nós.

– Para nós, significa bem-vinda, abençoada, bendita. Pois bem, que seja Benedita! – concordou João.

– O nome que escolheram para a vossa filha significa uma pessoa que tem na franqueza e na competência os seus pontos fortes – comentou o médico, ao mesmo tempo que escrevia o nome da registanda. – Nome próprio: Benedita. E que apelidos lhe querem dar?

– O meu de solteira e o do João – disse a cunhada.

O marido assentiu com a cabeça.

– Aqui está – disse Vítor, entregando o passaporte sanitário infantil a Júlia. – Agora vou preencher uma declaração em como a Benedita nasceu de parto natural, no meu consultório particular.

Enquanto o médico preparava a documentação oficial, a bebé ao colo da mãe fitava, com os olhitos arregalados, as cores dos quadros e os bonecos pediátricos pendurados no tecto, com movimentos infligidos pelo pai.

No final da consulta, saíram todos juntos e foram almoçar a casa do pediatra, que já tinha avisado a mulher, pelo telefone, que levaria consigo mais três convidados. Passaram o fim-de-semana na companhia dos familiares. Benedita foi a animação de todos.

– Peço-vos encarecidamente para não revelarem este nosso segredo – expôs João à mesa, quando estavam a jantar.

– Estás maluco, ou quê? Então achas que eu iria colocar-me em perigo. Já te esqueceste que os documentos oficiais foram forjados por mim? – indispôs-se o irmão.

– Claro João. Podes ficar descansado. Afinal somos família e pela família faz-se tudo – acrescentou Margarida. – Ainda que me divorcie do Victor, prometo não usar este tema como negociata ou chantagem.

– Obrigada – agradeceu Júlia, propondo um brinde à amizade, no que foi apoiada por todos.

Houve tempo para falarem do passado, lembrando de quanto se divertiam em casa dos pais dos maridos, dos passeios na areia branca da praia, onde se demoravam em piqueniques até ao sol se pôr, protegidos pelo

chapéu-de-sol e o corta-ventos, na companhia de outros colegas de escola, também eles naturalistas a não trocar um dia ao ar livre por uma matiné no cinema ou pelo ambiente viciado dos cafés.

Nos lanches à beira-mar, os jovens sentavam-se à volta da toalha grande de linho aos quadrados azuis e brancos colocada sobre a areia. Todos participavam, sem complexos, a contar uma história, um acontecimento inédito, uma anedota ou a jogar brincadeiras, em que aos perdedores se aplicava, invariavelmente, a sanção de ir à água, ou, em alternativa, ter de contar um segredo muito pessoal.

– Lembras-te, Victor, daquela vez que divulgaste um segredo pessoal? – perguntou o irmão.

– Qual segredo?

– Que o nosso pai tinha uma força hercúlea e que todos os dias, de manhã, corria uma hora na praia, para lá e para cá. No fim do aquecimento, pegava em pedras dos esporões e arremessava-as ao mar.

– Tinha de inventar alguma coisa. Nesse dia, a água estava fria e eu de barriga cheia de bolos e de sandes, acomodados pelas bejecas fresquinhas.

– É. Lembro-me disso. Tudo aconselhável a congestões. Já pensavas como um jovem médico responsável! – comentou Margarida.

– Responsável? Deixa-me rir. Ah, ah, ah! – riu-se o João. – Se fosse responsável, não teria subido até ao cimo do pinheiro, conforme lhe sugeriste, como prova do amor por ti. Depois, não soube como descer, acagaçado pelas vertigem das alturas – continuou, a rir-se a bandeiras despegadas, com a mão a agarrar a barriga.

Todos se recordaram da situação caricata O riso foi contagiante aos demais, incluído o visado.

– Não teve nada a ver com a responsabilidade – justificou-se o “macaco”. – Era mais um acto de amor, aqui à minha fofa. Então, não sabes que ao amor nada se nega? – continuou, na tentativa de não deixar ficar mal o ego dos seus dezoito anos.

A mulher, sentada à mesa, ao lado do gozado, deu-lhe um beijo na cara e segredou-lhe, de modo a ser ouvido pelos demais – Não lhe contes qual foi o prémio, tá?

Capítulo 11

Viver no sonho

Luísa percorreu, de forma atenta, o caminho que a separava do hospital a casa de praia dos pais de Carla. Escolheu ruas secundárias. Evitou cruzar-se com pessoas.

Avistou do outro lado da rua uma mercearia de bairro. Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou a carteira surripiada na enfermaria, abriu-a e contou as moedas: quatro euros e vinte cêntimos. No separador de notas, estavam mais quinze euros. “*Nada mau*”, pensou. Cobriu a cabeça com o capuz do fato de treino e entrou na pequena unidade comercial onde adquiriu um litro de leite e três pacotes de bolachas de cereais com chocolate.

A casa trazia-lhe más memórias. Voltava ao local de onde saíra há menos de quarenta e oito horas. Os estores das janelas continuavam cerrados. Só que agora, Luísa não dispunha de um duplicado das chaves. Contornou a moradia. A porta da traseira estava trancada por dentro, não conseguiria entrar facilmente. Reparou no anexo ao lado da garagem. Normalmente servia para acomodar a empregada doméstica interna ou para arrendar a banhistas no período de verão. A porta do anexo estava fechada. Espreitou pelo vidro do compartimento adjacente, destinado à lavandaria e viu uma chave na fechadura interior. Procurou, então, um objecto duro. Descobriu uma pedra no canteiro do jardim e envolveu-a num pano seco, encontrado no interior do tanque de lavar roupa, e com ela partiu um quadrado de vidro da porta. Depois introduziu a mão no interior e, com jeito, abriu-a.

A lavandaria tinha ligação interior com o anexo. Este era composto por uma espaçosa cozinha, apetrechada com os electrodomésticos básicos, casa de banho com um banheiro em base de cimento, resguardado por uma cortina plástica, um pequeno termoacumulador eléctrico e um quarto de dormir mobilado, com a cama feita. Em cima da mesinha de cabeceira descansava um

telefone. Uma cómoda de dois gavetões suportava bibelôs decorativos, ao lado de um pequeno ecrã de televisão.

Mais calma, Luísa caiu em si e começou a pensar na sua vida “*a polícia anda à minha procura*”, dizia com os seus botões. A fuga fizera recair sobre ela a forte suspeita de responsabilidade na morte dos pais. Pensou telefonar a Carla, mas não se lembrava do número do seu telemóvel. O conturbado desenrolar dos acontecimentos em nada ajudava. Afastou a colcha e deitou-se na cama. Virou-se de lado, em posição fetal, e demorou pouco tempo até Morfeu a enlevar.

No princípio, sentiu-se estranhamente molhada. Depois, com frio. Reparou que trazia vestido um fato isotérmico de corpo inteiro e encontrava-se longe da costa, em pleno mar alto, deitada sobre uma prancha. À sua volta, outros surfistas tentavam a sua sorte, a descer as rápidas serpenteadas vias de água e espuma das ondas gigantes. A ondulação, picada a vento forte, ora lhe permitia ver em cima um vasto horizonte costeiro, ora a rodeava em baixo por água e baba salgada. A nascente, concentravam-se pessoas, a ajuizar a prestação dos voluntariosos, invejando-lhes a coragem e a mestria. Tinha de avançar, sair do canal que teimava em afastá-la de terra.

Um sentimento de impotência apoderou-se dela. O medo paralisava-a. Tentou pedir socorro, mas a voz não tinha som. Uma onda de través expulsou-a da prancha. O seu corpo, incitado pelo travão da prancha amarrado ao tornozelo esquerdo, turbilhou na água fria, a invadir-lhe as fossas nasais. Num derradeiro esforço, deu meia cambalhota debaixo de água e agarrou a corda que a segurava à prancha. Puxou-a à força dos braços. Tocou a tábua da salvação com a ponta dos dedos e veio à tona, na altura em que necessitava emergentemente de respirar. Alçou-se para a plataforma flutuante, deitou-se sobre ela ao comprido e abraçou-a firme. Começou a chorar convulsivamente. Convocou o auxílio da mãe. Uma pessoa só morre verdadeiramente quando deixar de fazer falta a alguém. Luísa depositou o destino no espírito da mãe.

As preces foram ouvidas. De repente tudo começou a fazer sentido. Luísa escutou palavras segredadas para a organização da sua defesa. O corpo tornou-se um computador. A energia do seu cérebro era o programa e as mensagens recebidas, a actualização do programa. Não sabia onde se encontrava, nem como seria a zona de impacto. Tinha de acreditar nas suas

capacidades e usar de perícia para contornar os cabeços das rochas visíveis na área onde as ondas quebravam.

“Certifica-te se a braçadeira no pé esquerdo está apertada”, segredou a mensagem. Assim fez.

“Coloca os dedos dos pés na traseira da prancha e as mãos debaixo dos ombros”, continuou a inspiração. Obedeceu.

“Pressiona as mãos contra a prancha, estica os braços e levanta o peitoral, sempre a olhar para a frente. Coloca os joelhos dobrados sobre o tabuleiro”, prosseguiu a íntima voz.

Luísa estava quase, quase a conseguir levantar-se, quando um vagalhão a projectou sete metros e meio pelo ar.

Uma fracção de segundo antes de se estatelar na areia da praia, o corpo deu um salto na cama. A jovem acordou sobressaltada. Desorientada, não sabia onde se encontrava. O relógio digital em cima da mesinha de cabeceira indicava 19:00.

A casa estremeceu com os estrondos que provinham do exterior. *“Mas que raio”*, disse, *“estou a viver o sonho?”*. Safanou três vezes a cabeça, para saltar definitivamente do pesadelo.

Recuperou o mundo tridimensional. Entendeu onde se encontrava. Correu para a janela, a tempo de ver o céu iluminar-se de forma esquisita. Não chovia e aquele barulho não era de trovoadas.

Capítulo 12

A quem serve a verdade

Júlia não voltou à cidade, quando terminou o fim-de-semana em casa do cunhado. Combinou com o marido ficar mais umas semanas em casa dos familiares para criar a ilusão nas pessoas lá da terra que a gravidez, até ali a correr de vento em popa, estava preste a chegar a bom porto. Agora precisava de descansar das lides domésticas, repouso absoluto, a conselho médico, e o sítio ideal para o fazer era na companhia dos cunhados, o que calhava bem, por Victor ser médico pediatra.

A ideia da gravidez estava bem gravada na ideia nos vizinhos, amigos e familiares por não ignorarem que o casal apostara de forma contínua nessa missão. Os dissabores foram tantos que o casal parou de comunicar as evoluções com o receio de mais uma desilusão colectiva.

Uma ou duas semanas ausente e, quando regressasse, com o rebento nos braços, toda o bairro se engalanaria para os receber.

Tudo vai bem quando termina bem. O único senão era a mãe biológica, que poderia desmascarar tudo. O tempo correria a seu favor. Esmoreceria o ânimo em recuperar o que lhe pertenceu um dia. A arte do convencimento, associado ao conforto do dinheiro, ajudaria a resolver a questão, assim que fosse suscitada. Esta era a fé e a esperança de Júlia.

João regressou, então, sozinho, incumbido de preparar o quarto da criança, pintando-o e mobilando-o, conforme o acordado com a mulher até ao mais ínfimo pormenor.

No trajecto de volta ao quotidiano, os olhos de João cintilavam felicidade. Via a paisagem de modo diferente. Tudo era bonito. Os montes verdejantes que se vislumbravam lá ao fundo eram belos. A planície florida, a ladear a auto-estrada, afigurava-se-lhe magnífica. Abriu a janela e deixou que o ar fresco invadisse o habitáculo do carro. Fechou instintivamente os olhos e

respirou a fragrância da natureza. Regozijou-se com a maravilhosa semente que a divina providência semeara no seu jardim conjugal. A planta seria alimentada, tratada e amada por eles. Enquanto os três fossem vivos, portar-se-iam como inseparáveis mosqueteiros. Os pais afectivos assumiriam o Cuidado, como na fábula de Higino.

O desejo de João e de Júlia foi concedido. Só os dois conheciam as tormentas dos últimos anos, sofridos pela mulher quando resolveram submeter-se a tratamentos e nos sucessivos desaires dos projectos de nidação. A crença religiosa impediu-os de procurar soluções alternativas. Nunca esteve nos planos do casal recorrer a uma barriga de aluguer ou que o sémen de João fecundasse artificialmente o óvulo de outra mulher. Quando tinham desistido dos planos de conceber, eis que uma semente caiu em terreno fértil. Desde a origem, o novo ser ziguezagueou por entre sonhos e pesadelos, alegrias e profundas tristezas. Alguém cometera uma leviandade e as vicissitudes da vida levaram a que o fruto dessa imprudência chegasse às mãos de quem já pensava não ser possível alargar a família nuclear.

Os recentes acontecimentos traziam à mente de João sentimentos contraditórios. Por um lado, como cristão praticante, no templo e na sociedade, acreditava que o aparecimento daquela criança nas suas vidas funcionara como resposta às suas preces e deu graças pelo sucedido. Por outro lado, viveriam no mundo do faz de conta. Lembrou-se da passagem 17:16 do evangelista seu homónimo: *«vivo no mundo, mas não sou do mundo»*. O mundo da mentira não era, seguramente, o mundo de um seguidor dos ensinamentos de Jesus.

“Eu sei que é mentira”, considerou João, *“mas para a sociedade é verdade. Eu sei que não é verdade”,* continuou, batendo com a mão no peito, *“mas o que é a verdade?”*

A mentira roubou as vestes da verdade e fugiu com elas envergadas. Enquanto não apanhada e despida, passa por ser verdade. *“Quem nunca mentiu na vida?”* questionou-se o condutor, absorvido na imensidão da bela folha dos campos alentejanos, companheiros do caminho em direcção ao Norte.

A mentira faz parte do jogo social. Mente-se por prazer; para divertir; para ser simpático e agradável; para não prejudicar, magoar ou incomodar

outra pessoa; para prejudicar alguém, mas ser útil a outro; por defesa ou ataque; para progredir na profissão; para não se perder algo que se quer muito; para salvar a vida de uma pessoa ou a própria pele.

O ser humano mente desde criança. Por vezes, a mentira é um facto inventado, sem qualquer suporte na realidade escamoteada. Há mentiras traiçoeiras e outras que dão confiança. Há quem use a mentira apenas para aumentar ou diminuir a verdade. E há a verdade piedosa. Há mentiras eticamente permissíveis. Muitas desculpas não passam de mentiras. Há mentiras que, repetidas tantas vezes, acabam por se tornar verdades.

“Qual é a verdade que conta?” continuou João a reflectir, *“a minha, a tua, a dos que testemunharam o facto, aquela que outro humano apura, ou a que só Deus sabe? Posso até pensar que é mentira e ser verdade, ou vice-versa”*.

A verdade é elástica, depende da ponta por onde se lhe pegue. Já a mentira tem a perna curta. O infractor arrepende-se antes ou depois de ser descoberto, ou, então, qualquer minudência serve para tentar justificar internamente a sua conduta. Nesse contexto da verdade e da mentira, quem hoje dá a prenda, pode amanhã retirá-la. Os filhos não nos pertencem. São-nos emprestados.

Os inventores de Benedita viveriam, dali em diante, com o coração nas mãos, mas sem medo das sombras, com a força suficiente para, a cada dobrar da esquina, enfrentar com dignidade quem aparecer a reclamar a sua menina. Quem mais conheceria o segredo? Do seu lado, apenas ele, a mulher, o irmão e a cunhada. E do lado da mãe e do pai biológicos, quantas pessoas estavam na posse da verdade?

Era como se tivessem recebido um presente envenenado. Contudo, o amor do casal, agora extensivo ao novo ser, criaria um antídoto contra a verdade.

A situação exigia que depositassem uma enorme confiança no Criador, onisciente e misericordioso. Uma espécie de uma nova aliança com o Totalmente Outro. Lembrou-se, então, da parábola dos talentos. *“Um dia, hei-de prestar contas do lucro que ganhei com a entrega de Benedita”*. Não basta receber de empréstimo um filho. A obrigação do depositário é frutificar o talento que lhe foi entregue. Ensinar-lhe a deixar um mundo melhor aos outros.

Capítulo 13

Oficial piloto-aviador

O som das explosões misturaram-se com o fragor dos aviões inimigos a lançar as bombas sobre a cidade. De cada vez que uma delas explodia, a casa onde Luísa se encontrava estremecia, como se ocorresse um tremor de terra.

No interior do anexo, não era possível ter uma noção do que se estava a passar. Por um lado, o medo aconselhou-a a ficar ali, fechada no quarto, com as persianas fechadas e a luz apagada. Desse modo, poderia passar despercebida e safar-se. Por outro lado, se uma bomba arrasasse o edifício, se não morresse do impacto, ficaria ali soterrada sob os escombros até que alguém se lembrasse de procurar sobreviventes nas moradias de férias, junto à praia. Esta segunda hipótese não era aliciadora. Pensando melhor, tinha de sair dali, procurar outro lugar mais seguro.

Saiu de casa, atravessou a Avenida dos Banhos a correr em direcção à Praia Redonda só se detendo no declive do areal para o mar. O Sol escondia-se nas nuvens turvas. Deixava atrás de si um corredor de luz, a desmaiar pelo caminho nas ondas de um mar agitado, da mesma cor triste do céu. Deitou-se então sobre a areia a observar o que se passava em terra. Por cima dos edifícios, que ladeavam a Avenida Mouzinho de Albuquerque, elevavam-se colunas torcidas de um fumo negro, alimentadas por fulvas labaredas escondendo a torre da Igreja Paroquial de S. José de Ribamar.

Se a noite acontecia atrás de si, à frente, os clarões das luzes explosivas iluminavam a cidade.

Pessoas corriam desorientadas; as mais calmas ajudavam os menos capazes, como podiam; algumas, transportavam crianças ao colo; outras, arrastavam os mais velhos pelas mãos. Todos procuravam um refúgio.

O trânsito automóvel estava apoplético. Os condutores dos veículos, impossibilitados de avançar, apitavam desesperados, sem saberem bem para onde ir.

Um grupo de voluntários, despreocupados com a sua sorte, encaminhava a multidão para as entradas de um parque automóvel subterrâneo, situado a menos de cem metros de onde Luísa se encontrava.

O cheiro a pólvora permeava o ar.

Por entre o atrupido das detonações, surgia a sirene do quartel dos bombeiros a soar em tons ascendentes e descendentes, sem significado especial. Não existia um toque especial para estas circunstâncias. A protecção civil municipal sentia dificuldades em auxiliar os cidadãos. Inexistia um plano para um ataque aéreo.

A jovem não acreditava no que via. Sentiu medo e estava só. Manteve-se deitada, agora de costas para a areia, a fixar o firmamento. Procurou uma fuga cósmica. As nuvens adíafanas, reflexamente iluminadas pelos clarões erguidos da terra, impediam-na de transpor o espesso tecto. O céu testemunhava a maldade dos homens. A atmosfera escondia a destruição e a morte, renovadas por mais um ataque da aviação.

Sob o estresse dos acontecimentos, Luísa, por muito que tentasse, não enxergava uma justificação plausível para o que estava a suceder. Vivera a sua juventude sem se preocupar com o que se passava à sua volta. Usara a televisão apenas para observar as alterações psicológicas de outras pessoas a viver em casas fechadas, como animais superiores enjaulados; as séries de fantasia; a realidade dos famosos, com as suas reconstituições plásticas; as músicas mais tocadas do momento. O contacto com a literatura seria nulo, não fora os manuais escolares e um ou outro livro obrigatório do plano nacional de leitura.

Desconhecia as notícias. A sua terra estava a ser bombardeada e não sabia porquê.

Parecia que o mundo se tinha virado do avesso. Primeiro, dera à luz uma inocente e desprezara-a. Depois, a violência doméstica de onde resultou a morte da mãe à sua frente, às mãos de um pai bêbado e alucinado.

Como sangue puxa sangue, vingou, em legítima defesa a perda da progenitora, se bem que não desejasse cortar a carótida do pai. Agora, o inferno. *“Estou a viver um sonho, ou a sonhar a merecida punição?”*.

Sentou-se na areia. Pretendeu uma fuga pelo mar fora. Fugir. Fugir para onde? Iria sempre em frente, de linha do horizonte em linha do horizonte, a motor, à vela ou a remar, até encontrar a costa dos Estados Unidos da América e aí pedir asilo como refugiada.

A linha do horizonte moveu-se. Não era uma onda. Luísa esfregou os olhos e voltou a concentrar-se. Pareceu-lhe ver uma mancha a aproximar-se do lado do mar, na sua direcção. *“Será um bando de aves? Não me parece”*, pensou, *“os pássaros não se movimentariam rumo ao caos, assim, tão rentes ao mar”*.

Seis caças a jacto polivalentes, monomotores altamente manobráveis. voavam juntos, em altitudes intercaladas, a formar um escudo-parede. De repente, as aeronaves ganharam velocidade, subiram quase na vertical, apontados com o nariz ao céu, num quarto de círculo oblíquo, em direcção a Norte, deixando ver os mísseis alinhados sob o ventre e nas asas. O que se passou seguir, foi uma espécie de fogo-de-artifício aleatório. Uma batalha aérea entre os aviões recém-chegados, supostamente amigos, e os que, sem oposição, se entretiveram a bombardear a cidade.

Os mísseis ar-ar piruetaram nos céus, atrás dos alvos, aqui e ali desviados pelas manobras de diversão das minúsculas peças metálicas lançadas pelas aeronaves perseguidas.

Os caças efectuaram manobras tácteis, parecendo desafiar as leis da física, ora para se defenderem dos ataques ora para pagarem na mesma moeda. As balas disparadas dos aviões tracejavam o céu cinemascópio. Todavia, uma explosão no flanco de uma ave metalina, fê-la abandonar o teatro de guerra.

A espectadora acompanhou a evolução horripilante da queda em parafuso do F-16. O jacto envolto numa bola de fogo, seguido de um volumoso rasto de fumo negro, expulsa um objecto, momentos antes de explodir em contacto com o oceano.

Lá em cima, os restantes aviões socorristas perseguiram as aeronaves hostis, em danças estranhas de voltas, subidas e descidas inclinadas, até desaparecerem do alcance da vista.

Capítulo 14

Adeus, vou partir

Quando Júlia regressou a casa com a criança nos braços, foi um ai Jesus. Amigos e familiares fizeram questão de conhecer a “Menina de Ouro”, designação carinhosamente atribuída pela elevada dedicação e esperança dos pais. As visitas, perante a mãe, não se continham em dizer-lhe que era a sua cara chapada, o mesmo sucedendo quando encontravam o pai a sós com a pimpolha.

Pouco tempo depois, apareceu uma oportunidade de mudarem de cidade. Júlia aproveitou uma vaga interna aberta, para chefe de departamento no Centro de Saúde da *Villa Euracini*, lugar onde João tinha algumas ligações, como director associativo e praticante entusiasta de uma modalidade desportiva de combate.

Uma empresa transportadora encarregou-se da transferência dos pertences para a nova localidade. Uma linda terra implantada a noroeste da península ibérica, divulgada pelas magníficas praias, unidas por uma marginal de passeios e passadiços sobrelevados, numa extensão de mais de dez quilómetros de areal, cultura literária, música, teatro, casino e espectáculos tauromáquicos, a convidar milhares de turistas nacionais e estrangeiros, principalmente espanhóis.

Capítulo 15

Símbolos de família

A superfície terrestre continuava a golpear movimentos espirais ascendentes de fumo com fedor a pólvora. A sirene dos bombeiros, rouca de tanto gritar, apenas gemia. Aqui e ali, os reflexos azuis e brancos dos pirilampos das ambulâncias e dos veículos urbanos dos bombeiros pediam licença para circular, desviando-se da população em pânico e das depressões profundas no asfalto, carros destruídos, pedaços de betão, tijolos, ferros torcidos e outros entulhos projectados dos prédios atingidos.

No ar, o objecto expulso das entranhas inflamadas do jacto, antes de se despenhar no mar, iniciou a atracção gravitacional. O corpo do piloto, curvado para a frente, cabeça e braços pendentes, amarrou lentamente.

A descida do pára-quedas foi acompanhada por Luísa, a menos de duzentos metros de distância do naufrago. Pareceu-lhe que o piloto estava inanimado a precisar de ajuda para se libertar dos panos que o sustaram no ar e agora o envolviam na superfície das águas.

A jovem sabia nadar, mas não o suficiente para se aventurar pelo agitado mar adentro e conseguir voltar, arrastando outra pessoa. A ondulação e a temperatura da água dificultariam os movimentos, a sobrevivência dos dois.

Olhou em redor, e avistou três pequenas lanchas dos pescadores, estranhamente estacionadas acima da linha das marés mais altas. Por baixo do nome das embarcações, encontravam-se gravados conjuntos de traços, pintas e curvas, a cor contrastante, identificativos das famílias proprietárias.

Essa era a escrita que letrados e analfabetos do meio sabiam ler. As siglas, rudimentares precursores da tecnologia da informação, uma mescla de sinais de influência céltica e viking, constituíam imagens de objectos valorizados na actividade piscatória, como o sarilho, a quilha do barco, o

mastro, a verga, o arpão, a lanchinha, a calhorda, a estrela, a cruz, o padrão, a grade, o pente, o pé de galinha, a pena.

Barcos de pesca profissional que para o bota abaixo seriam precisos, pelo menos, dois camaradas. Procurou ajuda humana ali por perto, mas as circunstâncias do estado de sítio não eram de molde a aconselhar a permanência em pleno céu aberto.

Inconformada, a observadora levantou-se, sacudiu a areia das mãos e foi mexericar no interior das naves, à procura de alguma coisa útil. De uma das embarcações retirou a ponta de uma corda. Puxou-a fora. No final de sessenta metros da corda de sisal sentiu alguma resistência. Pareceu-lhe estar agarrada a um corpo pesado. Empoleirou-se na borda. Esticou o corpo por entre as traves de madeira, com os pés para cima, e, com jeito, conseguiu desatar os nós que prendiam o cabo a uma poita de tamanho considerável. Do barco do lado, subtraiu uma bóia salva-vidas cor de laranja e mais um rolo de fio sintético entrelaçado. Uniu as pontas das duas cordas e a mais fina à bóia, depois descalçou as sapatilhas e despiu o fato de treino, escondendo o espólio debaixo do banco de madeira de uma das lanchas. Agarrou no material improvisado e correu para a borda de água.

A areia, o mar e a escuridão enquadravam Luísa. Também ela se sentia como uma naufragante da vida. Pegou na bóia com a mão e começou a esticar o cabo. Lembrou-se que tinha de o prender a algo que aguentasse a pressão de dois corpos dentro do mar, acumulada à corrente marítima e à força que faria no regresso. Fitou uma rocha pontiaguda logo no começo da rebentação. Fez um laço e estrangulou o cabeço da rocha. Deu dois esticões, para assegurar-se que tinha feito o trabalho em condições.

A maré-baixa facilitou os primeiros passos. Descalça, a salvadora nadadora evitou poisar os pés sobre as pedras musgosas. Desequilibrar-se e cair à água, era o menos. Pior seria cortar os pés nos moluscos bivalves presos às rochas. Esticou os braços, sem largar a bóia salva-vidas, impulsionou o corpo com os pés e entrou na água, com a cabeça de fora. Nadou de bruços no alcance do pára-quedista, afortunadamente, arrastado pela corrente ao seu encontro.

A evolução da protectora era lenta. O característico sobe e desce da ondulação permitiam-lhe manter o alvo na mira. Tudo parecia correr bem:

temperatura da água a rondar os 16 graus centígrados; corrente moderada; ondulação satisfatória; energia física sob controlo, pese embora o seu estado de puérpera e de subnutrida. A certa altura, começou a não progredir no meio aquático. Olhou, então, para trás e verificou que a corda estava esticada e apenas alguns metros separavam-na do avião.

Começou a chamar por ele:

– Psst! Ei, amigo! Aqui! – O marulhar consumiu a interpelação.

Insistiu, mais uma vez, agora em voz mais aguda:

– Eiiiiiiii! Aí! Eiiiiiiii! Alô! – resultado semelhante.

Numa das subidas da vaga, a jovem certificou os cálculos. A estrutura flutuante aproximava-se obliquamente. O tecido do pára-quedas cobria parcialmente o piloto, ainda inclinado para a frente, preso à cadeira ejectada, assente numa pequena plataforma flutuante.

Num esforço de aproximação calculada, Luísa agarrou o tecido escorregadio e começou a manobra de atracagem, puxando com todas as suas forças. Agarrou-se à estrutura.

O avião continuava desmaiado. Com um braço acoplado ao módulo aeronáutico, a mão livre a puxar a corda e a bater os pés, a nadadora iniciou a manobra de regresso à praia.

Capítulo 16

Os humanos vão sendo

A natureza é boa. O que hoje parece ser menos bom, amanhã, poderá revelar surpreendentemente efeitos benfeitorizantes. As vicissitudes más são actos dos *sendos*, aqueles que ainda não são totalmente, nem chegarão a sê-lo, por impossibilidade de atingirem a perfeição.

O Homem esforça-se por ser criador, manobra o instante e os bonecos das relações humanas – que se movem por cordéis e engonços –, inserido em cadeias hierárquicas, onde os pequenos obedecem aos grandes. Noutro contexto, os pequenos são, por sua vez, os grandes. E anda-se nisto.

Despreocupado com a implacável dialéctica humana, o Sol serve todos, de forma gratuita, indiscriminadamente. Cada um que o aproveite como pode. Ao astro-rei tudo é permitido. É fonte de luz, de calor e de energia; dá a vida, a alegria e a boa disposição, mas também as pode retirar; cura umas doenças e provoca outras.

Os primeiros raios solares atingiram timidamente o pano do pára-quedas com que Luísa envolvera o piloto e os efeitos benéficos surgiram minutos depois. O resgatado começou por fechar e abrir lentamente a mão esquerda. Repetiu a experiência de vida com a outra mão. Pretendeu sentir os membros inferiores e conseguiu-o. Elevou a mão direita à dorida cabeça. Ao passar os dedos pela boca pareceu-lhe ter múltiplos pequenos grãos nos lábios. Continuou o caminho descendente. Tacteu o umbigo, os genitais, e concluiu:

“Estou nu e deitado sobre areia”, concluiu. Provou o sabor dos grãos salgados. Imaginou estar algures numa praia. As suas recordações terminavam num combate. Tomou consciência de ser um oficial piloto aviador da força aérea. *“Fui derrubado, para estar aqui deitado”.*

O militar sentiu calor. Abriu os olhos e viu claridade para além do cobertor translúcido. Destapou a cabeça e aspirou o ar fresco da manhã.

Sentiu outro corpo junto ao seu, sentado em cima de uma ponta do tecido do pára-quedas que o envolvia com os braços a cingir os joelhos. Fosse quem fossem mirava-o de esguelha.

– Bom dia, campeão. Isso é que foi dormir! – saudou Luísa, ajudando a descobrir a cabeça do reanimado.

– O que faço aqui? – estremeceu. Levantou um pouco a cabeça e viu o mar à sua frente.

– Deu à costa – gracejou a jovem. – Não sei quais são os meus direitos sobre os achados arrojados pelo mar.

– Calma aí, menina. Tenho dono conhecido. Sou seu. E, ademais, tenho interesse para o Estado, como militar da força aérea.

– Então, tem de decidir-se. Ou é presidente de si mesmo, um subordinado ou um achado. O melhor é avisar a capitania – rematou Luísa, a provocar o interlocutor. A ideia era arribá-lo, preparar tudo e sair dali o mais depressa possível.

– Não. Isso não. Não podemos avisar ninguém. Estamos em guerra.

– Em guerra? Como assim?

– A minha esquadra tinha por missão libertar esta zona geográfica.

– Você está doente da cabeça, ou quê?

– Protegê-la do ataque aéreo inimigo, preparar o avanço da tropa nacional. Espere lá! – dispôs o militar. – Não se apercebeu dos bombardeamentos sobre a cidade? Não presenciou nada nos céus, ontem à noite?

– Sim.

– Estamos em guerra declarada.

– Cada vez percebo menos. Guerra, guerra declarada a quem?

– Neste momento, o País está dividido em duas partes.

“Afinal, tudo é relativo, eu com problemas, ele com problemas, o País com problemas”, cogitou a rapariga.

– Sabes o que é a soberania? – perguntou o militar, aproveitando o interregno para procurar a farda. Precisava de se vestir. A temperatura aquecia debaixo do pano que o cobria.

– Soberania? Bom, acho que quer dizer... não haver ninguém do exterior a mandar em nós.

– Por esse conceito, há anos que o nosso País não é independente. Não vejo o meu fato de voo. Onde é que o pôs?

– Tinha a roupa toda encharcada, quando o arrastei para fora de água. Vi-me forçada a tirá-la para vencer o frio; estava meio roxo, e por isso enrolei-me consigo debaixo do pára-quedas, até você restabelecer a temperatura ideal.

– Obrigado por me teres salvado a vida – disse meio envergonhado, por ter estado, como veio ao mundo, à mercê da corajosa jovem. – E o fato? – insistiu.

– Torci a farpela e estendi-a a enxugar, botas, em cima da proa daquele barco – respondeu, apontando com o braço estendido. – Ainda não deu para secar. Tem de aguentar os cavalos mais um coche. Você...

– Você... bué... cavalos... um coche! A culpa é minha. Devia ter-me apresentado, conforme manda a sapatilha – interveio o piloto, a usar os jargões da idade da sua interlocutora. – Topas? Também já tive a tua idade. O meu nome é António José. Podes chamar-me Tozé, nome de guerra! E o teu nome, qual é? Não te importas que nos tratemos por tu?

– Luísa. Desde já advirto que não sou flor que se cheire.

– Também tens a tua dose de guerra!

– Quanto a soberania, pouco mais sei adiantar – desviou ela o fio da conversa. Interessava-lhe manter incólume a couraça da sua privacidade. Era uma jovem mãe desnaturada, uma fugitiva: do rebento e da polícia. Para o cúmulo, estava ali um militar a dizer ser um combatente de qualquer coisa que punha em risco a autoridade integral do país. Grande confusão. O jogo começava a pesar.

Tozé traçou o perfil da companheira. Aparentava ser madura para a idade, atormentada, voluntariosa e desenrascada. Anunciara estar habituada a enfrentar os obstáculos da vida sozinha e a resolvê-los à sua maneira. Fisicamente, devia ter perto de um metro e setenta centímetros, morena, de cabelo escuro, tamanho desigual, mais curto em cima, com um ligeiro risco sob o lado direito, a encaracolar ligeiramente sobre os ombros. Olhos castanhos, amendoados, expressivos, nariz fino ligeiramente achatado, a contrastar com lábios carnudos para um rosto de forma oval.

– Tens quantos anos? 16, 17 anos?

– Faço 16 anos em Setembro – respondeu, com rubor facial. Logo se arrependeu de ter sido sincera. *“O que é que o tipo vai pensar de mim? Uma jovem, de menor idade, toda a noite fora de casa, sem mostrar pressa em regressar, fugitiva à polícia, que o despiu e deitou-se enrolada nele para o acalorar, pensou. E não sabe ele metade da missa”*.

– Desculpa ter-te perguntado a idade. Pretendia saber o teu grau de escolaridade. Deves andar no décimo ano. Não? O que sabes da história e geografia do teu País?

– Nono. Chumbei um ano. Sei que temos muito mar, praias bonitas, turistas.

– Conhecimentos rudimentares. Deves ter, pelo menos, ouvido que o nosso País é um dos mais ricos da Europa. Tem uma plataforma continental e zona económica exclusiva tão grande como todo o continente europeu, portanto, muito mar, muito peixe, muitos recursos naturais; 80% do solo é arável; tem uma invejável rede hidrográfica, veios aquíferos praticamente infundáveis, o que nos concede grandes reservas de água doce, um bem valioso num futuro próximo; ao nível do subsolo, possuímos grandes reservas de ferro, cobre tungsténio, lítio, urânio, carvão, ouro, prata, platina e, diz-se, uma das maiores reservas de petróleo e gás natural da Europa.

– Essa do petróleo é o senão da história. Lá se vai o turismo, o peixe e, se calhar, grande parte da água potável, a troco de quê?

– Temos a riqueza em bruto, mas a indústria pesada e o saber fazer vem de fora. Concebem, fazem os testes, instalam a maquinaria, extraem os recursos naturais, transformam-nos, comercializam-nos e pagam-nos, para aí, uns vinte cêntimos por dólar de barril.

– E é por isso que estão a atacar-nos? – indagou Luísa.

– Também por isso. Mas a razão fundamental é outra: a pretensão hegemónica de Espanha. Como está apertada pela França, quer crescer para Ocidente.

– E, então, a unidade da Europa, a solidariedade dos Estados, como ensinam na escola?

– É um jogo de palavras, tipo palavras cruzadas. Os que andam com a candeia à frente defendem a tese que o vocábulo unidade não significa uniformidade.

– Saiu o Reino Unido, por um lado, e o reino perdeu a união, por outro – gracejou a jovem.

– Neste momento, apenas podemos contar com o apoio da Inglaterra e dos Estados Unidos.

– Acho que devemos sair daqui – insistiu Luísa. – A farda ainda está húmida. Enquanto dormias, dei um pulo à casa onde me abrigo e arranjei-te umas calças de fato de treino, uma camiseta e umas cuecas masculinas, se calhar, de tamanhos apertados para esse físico, mas é o que temos, por agora – entregando-lhe um saco de plástico com o material descrito.

Tozé vestiu a roupa debaixo do pára-quedas. Quando se ergueu, sentiu uma forte guinada na zona ferida. Levou a mão à cabeça. A dor persistia. Fez o reconhecimento sumário do local onde se encontrava. Perto da linha de água, o bote, a cadeira e o pára-quedas eram perfeitamente visíveis do ar e denunciariam a sua localização. Não podiam ficar ali. As forças inimigas não tardariam em procurar os destroços do avião abatido, sabendo que tinha caído no mar. Precisava de ganhar mais algum tempo, para poder terminar a missão, agora por terra, se possível. Decidiu encaminhar-se em direcção aos objectos visíveis. As pernas obedeceram-lhe. Exceptuando a cabeça, não lhe doía mais nada.

Desligou o emissor do sinal de busca e resgate. Não era boa altura para ser preso. Procurou o estojo de sobrevivência debaixo do assento. Uma vez que a maior parte do território nacional é marítimo, sendo, por conseguinte, maior a probabilidade de cair na água, a cadeira do piloto está preparada para o piloto sobreviver no mar. O estojo continha uma pequena navalha, linha, anzóis e artigos de primeiros socorros. Retirou o canivete e com ele desferiu vários golpes no pequeno barco de borracha. Acelerou o processo de esvaziamento, pisando-o com os pés, até o conseguir espalmar. Depois, escavou à mão um buraco na areia, onde escondeu a borracha, o melhor que pôde. Alisou a cobertura, disfarçando o esconderijo.

– Muito bem. Engenhoso. Vais também enterrar a cadeira? – perguntou Luísa, a observar as manobras dissimulatórias. – Vais precisar de uma pá, pá! – ironizou.

“*Raio da miúda que só quer brincadeira*”. Tozé pegou na gola da cadeira e começou a arrastá-la areal acima. Apontou para um ramo e respondeu:

– Se não te importas, em vez de mandares bocas foleiras, coloca-te atrás de mim e disfarça o rasto. Vou esconder a cadeira debaixo daquele molhe de sargaço.

Concluído a camuflagem, o avião calçou as meias e as botas, ainda húmidas. Verificou a figura que fazia com o conjunto vestido de calças de fato de treino a subir o rio e uma camiseta branca com um estampado bicolor meio esquisito, justa e curta. Mais importante era abandonar o local, procurar um abrigo temporário e entrar em contacto com os civis resistentes ao invasor.

– E agora, Luísa, aonde vamos?

– Vamos até à casa onde me abriguei. É dos pais de uma amiga, embora não saibam, nem ela, que asilei lá.

– Não é hora de nos escondermos, mas para evitar as barreiras de identificação. Alguém pode denunciar-me. E, pelos visto, podem andar também à tua procura. Preciso terminar o serviço que comecei. Conheces alguma pessoa ligada à resistência local?

– Resistência local? Acabei de nascer para esta história da ocupação! Tens em vista alguém em especial?

– Do tipo jovens universitários ou pessoas mais activas na sociedade que me queiram ajudar a combater o inimigo.

– Conheço – respondeu Luísa, contente por ser incluída na trama, de ser útil à causa. – A minha amiga Carla tem vinte e tal anos e é estudante de enfermagem, serve?

– É melhor do que nada. Vamos lá ter com ela.

– Não dá. Eu não posso andar por aí à solta, assim, sem mais nem menos. Tal como tu, posso ser identificada e presa. Há indícios fortes contra mim: a morte dos meus pais em casa, comigo presente, e a minha fuga do hospital.

– Tens razão. Dá-me a morada que eu vou lá ter com ela.

– Não sei o nome da rua e, por muito que te desse as orientações, não chegavas lá em segurança. Vamos os dois – decidiu-se a jovem. – Seja o que Deus quiser. Há um caminho subterrâneo, pelo qual poderemos seguir.

Saíram da praia com todas as cautelas. Atravessaram a Avenida dos Banhos e caminharam encostados ao passeio do lado dos prédios, em passos largos, com a cabeça enfiada nos ombros, a olhar o chão. Misturaram-se com

os transeuntes. Outrora, àquela hora da manhã, as pessoas tinham por hábito fazer a sua corrida ou caminhada pela marginal, até à cidade vizinha, num ritual saudável de ida e de volta, uns, por questões de saúde, outros, por estarem desempregados ou já na reforma, alguns, com necessidade de espaiar e de convívio.

Desceram a rampa de acesso ao parque de estacionamento automóvel perpendicular ao mar. Um túnel de um único piso subterrâneo, com um quilómetro de comprimento e capacidade para mais de quinhentos veículos, a ligar o Largo do Passeio Alegre até ao Hospital.

Percorreram os primeiros metros sem percalços. Estavam poucos automóveis estacionados no interior. Se não fosse o som arfante pesado, ecoado no túnel, parecia um dia de semana normal. A multidão provinha dos acessos pedonais. O parque de estacionamento, agora vedado aos carros, servia de abrigo à turba, a descer atabalhoadamente as escadas em direcção ao Hospital. Havia o receio de mais ataques. Uma galeria multiuso: estacionamento pago; ligação pedonal subterrânea grátis, de uma ponta à outra em dias de vento, frio ou de chuva forte; refúgio dos sem-abrigo, dos namorados e dos toxicodependentes; sítio de descanso, nos degraus das escadarias marquissadas; abrigo antiaéreo.

Misturaram-se na lava da multidão. A trezentos metros do acesso final, a polícia municipal controlava a progressão das pessoas, fazendo-as ziguezaguear lentamente por corredores separados por grades, pequenos postes e fitas plásticas. Os feridos passavam directamente. Os restantes doentes esperavam pela triagem de Manchester efectuada por dois enfermeiros ao longo da fila.

– Por aqui – gritou Luísa, puxando o braço de Tozé, em direcção a uma das saídas. – Vamos voltar à superfície, porque assim não progredimos. Montaram um hospital de campanha aqui em baixo. Parece que transferiram todos os doentes acamados para as catacumbas.

Caminharam enviesadamente, no jogo do empurra, pedindo licenças e desculpas, até alcançarem os degraus. No exterior, o cenário impressionou-os. Se o edifício do Tribunal fosse feito de madeira, dir-se-ia que o caruncho, os gorgulhos xilófagos, a broca e outras espécies de bichos tinham usado as mandíbulas para serrar, de forma irregular, as portas, janelas e paredes.

Emergiam fumos negros do interior do imóvel público. Poucos metros mais à frente, separado por uma rua esburacada, o Hospital exibia parte do telhado destruído. Apenas três ou quatro janelas do piso superior continuavam envidraçadas. O resto do vidro espalhava-se pelo passeio, onde, perto da entrada da urgência, uma cratera no chão continha parte de uma ambulância carbonizada.

– Quem fez isto, fê-lo de forma cirúrgica – referiu o piloto da força aérea.
– Não me venham dizer que foi por acaso que acertaram no Hospital.

– Vamos! A casa da minha amiga fica aqui perto – insistiu Luísa, a puxar o parceiro pelo braço.

Acercaram-se da moradia e tocaram à campainha. Não foi necessário repetir o gesto. Carla devia aguardar visitas ou ia a sair. Abriu a porta e deu de caras com eles.

– Olha quem está aqui? Por onde andaste menina?
– Nem queiras saber!
– Assim que soube do sucedido em tua casa, procurei-te no hospital. Deixaste-me preocupada.

– Não temos tempo para explicações – retrucou Luísa – Este senhor precisa de roupa e calçado decentes e de ajuda para...

– Olá. O meu nome é Tozé – interveio, esticando a mão para cumprimentar Carla. Preferia ser ele a explicar o que queria fazer. – Sei que é de confiança. Preciso de alguém que me ajude a terminar um serviço, ou a passar-me para o Sul do País. Sou militar, das forças fiéis ao Governo.

– Entrem – convidou a amiga, afastando-se para o lado. – Além do vestuário, o cavalheiro precisa também de um curativo. Preciso de ver essa ferida na cabeça. Já tomaram o pequeno-almoço? – sem esperar a resposta, acrescentou – Claro que não. Vou preparar-vos o mata-bicho.

As visitas foram conduzidas a uma sala comum com uma decoração moderna. De costas voltadas para uma mesa de ferro com tampo de vidro, guarnecida por quatro cadeiras de madeira forradas a veludo de cor azul, um sofá de couro branco fazia as honras da sala de estar. Em frente, um enorme espelho, recortado por cima do recuperador de calor, um ecrã grande da televisão repartia a centralidade da parede reflectora da imagem dos visitantes. Sobre uma pequena mesa de apoio de sala, em mogno, repousava um tampo

de mármore branco, cujos pés assentavam num peludo tapete persa em tons de carmim e creme. Todo o resto do pavimento era em madeira exótica envernizada. A luminosidade artificial do compartimento provinha de duas anémonas fixadas ao tecto falso gravado a imitar o antigo e de uma disfarçada faixa de pequenas lâmpadas de iodo difusor, a todo o comprimento da parede espelhada. Ao fundo, do lado esquerdo, cortinas em linho creme filtravam a luz natural, perpassada pela ampla porta envidraçada. Todas as aberturas da sala comum deitavam para um jardim interior recheado de coloridos amores-perfeitos e uma buganvília generosamente florida. Uma reprodução em cores vivas do género Matisse ou Picasso repousava sobre um cavalete.

A anfitriã reapareceu passados uns minutos, com uma bandeja nas mãos, dotada de dois sumos de laranja, fatias de pão torrado e compota de morango. – Sentem-se aqui à mesa, por favor – disse. – O meu pai vem já aí falar convosco.

O aconchego foi bem-vindo Carla arranhou uma muda de roupa masculina e um par de sapatilhas pertencentes ao progenitor, um número acima das medidas do piloto. Terminado o desjejum, a estudante de enfermagem aproximou-se de Tozé, equipada com uma caixa dos primeiros socorros e, pedindo-lhe para se sentar direito e quietinho na cadeira, desinfectou meigamente a ferida na cabeça do aviador e fez-lhe o curativo. O desfrutar do carinhoso tratamento foi interrompido com a chegada do pai da cuidadora.

– Ora vivam! A minha filha disse-me que precisavam de ajuda – apresentou-se. Dirigiu-se às visitas, com a mão estendida, para as cumprimentar. – Deixem-se estar, não se levantem.

– Como está? – respondeu o homem, que fez questão de soerguer-se e cumprimentar o dono da casa. – Sou o António José, oficial da força aérea, Tozé para os amigos. Fui abatido em combate e salvo de morrer afogado aqui pelo meu anjo da guarda – apontando para a jovem sentada a seu lado –, de nome Luísa, amiga de Carla.

– Muito gosto. O meu nome é Rodrigues. Foi uma preciosa ajuda. O inimigo deixou de bombardear a cidade. Fugiu, perdoe-me a expressão, que não é altura de folia, com a cauda do avião entre as pernas.

– Tenho de contactar a minha base. A informação que recebemos antes de voarmos para cá indicava que os militares da União estavam a ocupar esta área geográfica, a separar o Norte do País pelos acidentes geográficos naturais do rio Douro. Um cordão militar ao longo dos cento e tal quilómetros de fronteira com Espanha. A Sul do rio Douro ainda temos soberania, entendida na verdadeira acepção da palavra: um território, um povo e poder de autoridade sobre esse território e a grei – acrescentou o piloto. – O território a Norte do rio foi tomado por uma coligação de forças da União Europeia, liderada pela Espanha, França e Alemanha.

– Então, foi coisa rápida. Não nos apercebemos de nada – adiantou Carla.

– Foi tudo decidido no segredo dos deuses. Mas tenho para mim que a invasão começou a ser delineada quando saímos do sistema monetário europeu e começou a desenhar-se a convocação de um referendo sobre a permanência na União Europeia, por pressão dos partidos à esquerda que suportam o Governo na Assembleia da República.

– E tinham logo de começar por aqui – protestou Rodrigues –, assim, enquanto o diabo esfrega um olho.

– Por incrível que pareça, é neste concelho que estão armazenadas as cópias de segurança das informações nacionais de extrema importância. É o super confidencial mais bem guardado. São documentos, imagens, vídeos e outros arquivos essenciais à manutenção da ordem nacional e segurança externa. A única cópia de segurança em todo o território nacional necessária para restaurar os dados perdidos.

– E é preciso tanta precaução? – quis saber o dono da casa.

– Sim. Todo o cuidado é pouco. Em situações de interesse superior do Estado, cautelas e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém: o seguro morreu de velho, e a dona prudência foi ao seu enterro – ironizou Tozé. – Como sabe, hoje em dia, está tudo nos sistemas informáticos. Imagine que, por ingerência externa, erro humano ou do próprio sistema, ou por desastres naturais, os dados são corrompidos ou destruídos. Será necessário reconstruir os elos perdidos o mais rápido possível.

– Vão buscá-los ao exterior. Devem guardá-los também noutros países, não? – interveio Luísa, interessada na informação.

– Pois, aí é que a porca torce o rabo. Destruindo as reservas de informação nacionais, ficamos totalmente dependentes do sistema de gerenciamento de bancos de dados no Canadá e numa ilha do Pacífico. Eles poderão controlar as nossas comunicações e impedir o descarregamento das bases de dados vitais, tornando-nos vulneráveis a todos os ataques cibernéticos. Entram nos computadores nacionais, examinam as defesas, escolhem um lugar onde se alojarem e procuram informações privadas e secretas, remetendo-as ao invasor, que depois faz ataques virtuais. Imagina o que é não só impedirem o reagrupamento dos dados perdidos, como, ainda, enviarem ficheiros executáveis camuflados, direccionados às instituições financeiras, militares, civis e comerciais. Conseguiriam um apagão total. Ficariamos privados de informação, caixas electrónicas, computadores e sistemas de segurança, os aviões e os navios mais sofisticados ficariam parados.

– Não consigo imaginar. Sou electrónica-dependente – concluiu a menor.

– Tu e todos os cidadãos do mundo moderno. Voltaríamos aos estafetas e aos pombos-correios.

– Qual o interesse da União Europeia neste rectângulo em forma de L, assentado à beira-mar? – perguntou Carla.

– Riquezas. Interesses geoestratégicos. Um misto de factores geográficos militares e de recursos naturais.

– Riquezas? Nós? Andamos sempre com o braço esticado a pedir – contrariou a estudante de enfermagem.

– Foi tudo muito rápido. Facto consumado. Bombardeiam primeiro, falam depois – acrescentou o pai de Carla.

– Surpresa, rapidez e letalidade. Está nos manuais. Três características de um ataque rápido, eficaz e controlador – esclareceu o militar. – Esta zona, em geral, e o seu concelho, em particular, tinham, do ponto de vista geoestratégico, de ser controlados, por causa das comunicações electrónicas. Consegue fazer-me o ponto da situação?

– Conseguiram, num ápice, controlar os órgãos formais do poder local e militar, desde esta madrugada – esclareceu Rodrigues. – O bombardeamento aéreo antecedeu a invasão terrestre.

– Tem a certeza do que me está a dizer?

– Claro, amigo. Sou vereador do executivo camarário e estivemos toda a noite de prevenção. Fugimos do edifício da Câmara antes de ser ocupado. O mesmo sucedeu com os postos da GNR e da PSP e com o Quartel Militar.

– O Quartel Militar também? Oh, desgraça!

– O nosso quartel é assim tão importante? – interrompeu Carla, atenta ao diálogo, com notícias preocupantes que lhe tinham passado completamente ao lado.

– Sim – respondeu o piloto. – A actividade principal no quartel não é a que aparenta ser. Pouca gente sabe o que se passa no interior. Sob a capa de gestão de tirocínios, estágios, cursos de formação e de qualificação de oficiais, sargentos e praças nas áreas de reabastecimento, transportes, manutenção, saúde, serviços de campanha, finanças e secretariado, uma outra actividade primordial, de superior interesse pátrio, é lá desenvolvida.

Tozé conseguiu prender a atenção dos seus companheiros. A acreditar na expressão de cada um deles, nenhum dos presentes tinha a noção do verdadeiro papel na segurança nacional, desenvolvido no quartel.

– Refiro-me à componente operacional do sistema de forças do exército. É lá que se centraliza, distribui, dirige e conserva a base de dados das comunicações electrónicas de todas as forças armadas que acabei de vos explicar.

– Traduzindo por outras palavras – replicou a candidata a enfermeira – quem controlar o quartel, detém o saber e...

– O poder – completou o oficial. – Quem o controlar, tem o poder da informação, da propaganda e das comunicações por ar, terra e mar.

– E, então, os seus camaradas? – interpelou o dono da casa. – Ontem reparei que eram seis caças.

– Tem razão. Éramos seis. Partimos da base e pusemo-nos aqui em menos de meia hora. Evitámos a destruição de mais edifícios, a perda de vidas. Eu fui atingido, caí no mar. Os outros perseguiram o inimigo alado e devem ter conseguido regressar à base.

– E agora? – demandou Luísa.

– Bom. Agora vou ter de completar a missão, apeado!

Capítulo 17

Comes o que fazes

Para percebermos a beleza do Planeta, a necessidade de o conservar, longe dos interesses económicos e belicistas, seria necessário providenciar uma viagem ao espaço a cada um dos biliões de indivíduos, deixando-os durante trinta dias, no mínimo, a mais de 2.000 quilómetros de altitude. Talvez, nessa altura, sentissem a vontade inquebrantável de voltar a um tempo, que fosse ainda a tempo de mudar os hábitos de muitos deles. Coisas triviais como contribuir para a destruição da camada de ozono, separar e tratar o lixo. Aprenderiam que um saco de plástico que se compra no supermercado para transporte das compras tem um tempo de uso médio de 15 minutos, ao passo que o plástico dura mais 450 anos, ou para sempre; apenas um quinto desse plástico é reciclado e que cerca de 8 milhões de toneladas acabam nos mares, como a Norte do Oceano Pacífico, transformado numa sopa de plástico com mais de 1,6 milhões de quilómetros quadrados e em micro partículas, misturadas no meio ambiente, nas areias das praias e nos intestinos da fauna marinha.

A visão da bola azul lembraria, à distância, a possibilidade de, um dia, o maior predador ficar privado das belas sensações terrenas. Na termosfera, tudo é silenciosamente bonito. No Planeta, chocam-se uns com os outros. Ambicionam alcançar o poder a todo o custo, esquecendo que são do tamanho da informação que possuem, em prejuízo da meritocracia. Julgam as pessoas pela sua cabeça, e a ignorância é grande.

As adversidades da vida conduzem os conformados ao alheamento, por ser a escolha mais fácil. Poucos são aqueles que se incomodam quando a janela mágica retrata a miséria humana; a morte diária de mais de duas mil crianças, sem acesso a água potável; populações sem alimentação, ainda que

desequilibrada, diagnosticadas com doenças inimagináveis, num século em que se gastam fortunas a ir ao espaço e a construir muros entre os povos.

Quem sabe se essa viagem extra-planetária conseguiria acabar com a maior doença do mundo: a indiferença. Ao interiorizarem quão minúscula é a Terra, face à grandeza do multiverso, os viajantes entenderiam que as suas necessidades básicas não são maiores que as do próximo; que a riqueza não serve de nada num buraco de um metro e vinte de profundidade.

O que preocupava, de momento, os presentes na *Villa Euracini*, era restaurar a independência do concelho.

Uma hora depois da exposição de motivos que levou o oficial piloto a pedir ajuda a Rodrigues, a casa dos pais de Carla transformou-se num embrião conspirativo. Os convocados chegaram a intervalos de cinco minutos, sem saber ao que iam. Além dos preparadores da reunião, encontravam-se presentes o presidente da Câmara Municipal, os chefes da protecção civil e da polícia municipal; os comandantes da PSP e da GNR locais; o presidente e o comandante dos bombeiros voluntários; o administrador do Centro Hospitalar; um farmacêutico; um director do clube de *Paintball*.

A sala, previamente arrumada, com sofás, mesa e cadeiras encostadas a um canto, albergava os ilustres representantes das forças vivas da cidade que, nas circunstâncias, se conseguiram contactar. Uma espécie de reunião do conselho municipal não agendada pelo gestor da cidade.

O pai de Carla contactara pessoalmente cada um deles, pedindo-lhes para se apresentarem em sua casa urgentemente, porque alguém de fora queria falar sobre o que estava a suceder. Não acrescentou mais nada, deixando-os, quanto mais não fosse, com a curiosidade aguçada.

Estava reunido o comité de crise. Rodrigues deu as boas vindas aos presentes, escusou-se pela forma repentina e inusitada como tinham sido convocados, referiu a ordem de trabalhos – o estado lastimoso da cidade, a ocupação pelo inimigo e o que fazer para restaurar a liberdade – e apresentou o piloto aviador.

Os convocados dirigiram a sua atenção para o major vestido com a roupa que Carla tinha escolhido das existências do pai: sapatos desportivos em lona, calças de ganga e uma camisola de algodão de mangas curtas de cor encarnada.

– Ora vivam! O meu nome é António José, sou major piloto da força aérea nacional, comandante da esquadra de F-16. O que se está a passar não é exclusivo desta localidade. Todo o Norte do País está sob controlo do inimigo.

Pelo entreolhar da assistência, o encolher de ombros de uns e a expressão facial de outros, a maioria dos ouvintes estava a leste da realidade.

– Ontem, como se devem ter apercebido, seis F-16 combateram as aeronaves de guerra inimigas. O que seria impensável numa Europa civilizada, para mais dentro da União Europeia, ocorreu da noite para o dia. As forças militares da União invadiram e controlaram toda a região Norte. Os *nuestros hermanos* conseguiram alcançar o objectivo há muito almejado. A Espanha, numa estratégia militar, juntamente com a França e a Alemanha, conseguiu manobrar os restantes Estados Membros.

– A União Europeia está metida nisto? – interveio o administrador do centro hospitalar.

– A desunião, diria eu – retorquiu o piloto. Uma espécie de fuga para a frente. Um acto desesperado para manter o que há muito foi esfrangalhado com as saídas do Euro por alguns Estados-membros e do Brexit.

– Mas, porquê nós? – questionou o presidente da Câmara.

– Por sermos um território estrategicamente bem situado, ladeado por mar e consequentes zona económica exclusiva e plataforma continental. Além da terra e do espaço aéreo propriamente ditos, ainda beneficiamos das águas territoriais que alcançam 12 milhas náuticas ou 22 quilómetros a contar da linha de baixa-mar ao longo da costa; da zona económica exclusiva, delimitada por uma linha situada a 200 milhas marítimas da costa; de uma plataforma continental, a começar na linha de costa e a descer até uma profundidade de 200 metros.

– Para isso, tinham mandado barcos de guerra na vez dos aviões – gracejou o comandante dos bombeiros.

– Encurralados contra o mar – comentou o edil.

– Sim – respondeu o major. – As fronteiras Norte, Nordeste e Sul estão fechadas. Zamora controla a Este e Ourense a Norte. A Sul estamos confinados pelo rio Douro. Este rio, como sabem, nasce em Espanha, nos

picos da Serra do Urbión, província de Sória, atravessa o Norte de Portugal e desagua junto às cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia

– O Norte representa 24% do nosso território continental e contem cerca de 3.6 milhões de habitantes, a contar com o Norte de Aveiro, da Guarda e de Viseu – referiu o comandante da GNR, orgulhoso de poder colocar em prática os conhecimentos logísticos adquiridos na formação. – Os meus militares foram desarmados.

– O mesmo se passou com os meus homens – advertiu o comandante da PSP. – Na madrugada de hoje, fomos apanhados de surpresa na esquadra e obrigados, sob a ameaça de armas, a entregar todas as armas e munições.

– O que se propõe fazer, para nos libertar do jugo estrangeiro – quis saber o presidente da Câmara que, desta vez, não beneficiava de qualquer informação privilegiada. – Gostamos muito de estrangeiros no nosso concelho, mas como turistas.

– Não sei como, nem quando, mas o nosso dever é rechazar o inimigo – avançou Rodrigues, determinado.

– Muito bem! Eu tenho uma estratégia – disse o piloto, aproveitando a força anímica dos convidados. – Em primeiro lugar, tenho de contactar com a base de Monte Real. Depois, organizamo-nos.

– Não sei se reparou, mas estamos sem comunicações. Cortaram as linhas telefónicas e bloquearam o acesso à internet. Todo o espectro de comunicações, com fios ou sem eles, está paralisado – avisou o chefe da protecção civil.

– O Hospital está a trabalhar com recurso a geradores – queixou-se o administrador.

– Assim que escurecer, vamos ficar às escuras – referiu o responsável pela protecção civil. – Já andamos a providenciar junto das lojas e das igrejas a recolha de geradores a combustível, velas e lamparinas para racionamento e distribuição aos serviços prioritários.

– Sugiro reunirmos todas as armas e munições junto dos civis – alvitrou o comandante da PSP.

– Temos de ter muita cautela – aconselhou o piloto. – O inimigo possui blindados e armas de guerra a sério. A operação tem de ser discreta e sigilosa, rápida e eficaz, mas não necessariamente letal. O importante é conseguirmos

uma solução para reocupar o Quartel Militar, ainda que seja por umas horas, de modo a permitir copiar uns ficheiros, eliminar outros e a instalar no sistema informático um cavalo de Tróia. Algum dos presentes conhece um radioamador?

Os representantes das forças de segurança responderam que tinham registado nos seus livros próprios o nome e o contacto dos cidadãos que possuem aparelhos de telecomunicações.

– Óptimo. Estava eu a dizer que o vosso quartel é o mais importante de toda a região Norte – continuou a expor a sua teoria. – É lá que estão armazenadas as cópias de segurança dos sistemas informáticos nacionais originários, civis e militares. São documentos, imagens, vídeos e outros arquivos essenciais à manutenção da ordem nacional e segurança externa. A única cópia de segurança em todo o território nacional necessária para restaurar os dados perdidos.

– Os militares estão prisioneiros no seu próprio quartel – comunicou o comandante da GNR.– No nosso posto temos sete homens disponíveis, mas desarmados.

– E nós somos dezasseis na esquadra, igualmente desarmados – lembrou o comandante da PSP.

– Vinte e três profissionais desarmados não são, de facto, um número simpático para a sublevação, mas já é um começo – mencionou o comandante dos bombeiros. – Podem contar com mais cinquenta voluntários. Os meus homens têm preparação adequada.

Um dos presentes, que até ali tinha estado a observar atentamente o desenrolar da assembleia, dirigiu-se ao aviador – Posso falar?

A assistência ficou-se muda, à espera do desenvolvimento.

– Chamo-me João Martins. Sou professor contratado da Escola de Enfermagem na cidade invicta e represento uma associação cuja actividade desportiva é combate, individual ou por equipas em que se usam marcadores de ar comprimido e bolas de tinta. Um jogo em que as pessoas tentam acertar umas nas outras com recurso a “armas” que disparam bolas de tinta, em vez de balas.

A audiência tentava enxergar a oportunidade e a conveniência da questão. O interveniente, apercebendo-se dessa dificuldade, acrescentou:

– Perguntar-me-ão, a que propósito vem o meu discurso. Pois bem, eu explico. O meu clube tem várias equipas de competição a nível nacional e internacional. Fisicamente estamos bem preparados.

– Quantos homens são? – inquiriu o piloto, esperançado com a ideia.

– Homens e mulheres, ao todo somos mais de sessenta atletas, com rigorosa preparação física e técnicas de batalha, individual ou colectiva, em cenários tais como um contra um, grupo contra grupo, captura do líder, defesa do território, apreensão da bandeira inimiga, tudo em verdadeira simulação de combate.

– Que tipo de armas usam?

– Não lhes chamamos armas, por não matarem. Como disse, são marcadores, porque marcam os objectos e os adversários, embora tenham a forma de pistolas, espingardas automáticas.

– Já que não são armas verdadeiras, qual é o grau de agressividade das munições?

Enquanto o militar e o professor dialogavam, Carla reconheceu João Martins. Tinha-lhe deixado anonimamente a recém-nascida de Luísa, à porta de casa dele.

– Na verdade, não usamos balas, mas umas bolas feitas com uma mistura de gelatina, do género que reveste alguns comprimidos, cheias de tinta colorida à base de base de sorbitol, glicerina, amido, corante. Não matam, mas aleijam – explicou o professor. – Uma bola na cara de uma pessoa poderá quebrar dentes ou cegar. O objectivo é marcar as roupas do adversário, sem causar dano ou lesão corporal. Os jogadores usam equipamento de protecção individual, composto por máscara para o rosto, capacete, roupas acolchoadas. Também usam, macacões, camuflados, luvas, joalheiras, cotoveleiras, pescoceiros.

– Ok! Vinte e três agentes, cinquenta soldados da paz e setenta atletas contra cerca de seiscentos militares inimigos. Está melhor – regozijou-se o oficial piloto da força aérea.

– Poderemos contactar algumas associações congéneres. Ainda recentemente reunimos cerca de dezasseis clubes, nos campeonatos regionais, sem esquecer os atletas das artes marciais.

– Certo – rematou Tozé. – Precisamos reunir o maior número possível de voluntários para esta missão desequilibrada: bolas de tinta, de um lado, contra balas de metal, do outro – ao mesmo tempo que simulava com as mãos os pratos da balança desequilibrados. – Onde nos faltar em pessoas e armas, utilizaremos o engenho e arte.

Uma ovação eclodiu na pequena assembleia, entusiasmada com a hipótese da restauração de *Villa Euracini*.

– Eu tenho uma sugestão – adiantou o farmacêutico, que até ali tinha estado atento, a ver e a ouvir o que se passava.

– Diga lá, Jorge – autorizou o dono da casa, fazendo sinal com as mãos aos demais presentes para diminuírem o alvoroço.

– Eu sou farmacêutico. Posso juntar-me a mais dois colegas e arranjar uma solução química que cause um efeito incapacitante temporário para quem o inalar.

– Boa ideia – concordou o militar. – Mas como fazê-lo se não nos podemos aproximar demasiado do inimigo? Como usá-lo?

O farmacêutico perguntou ao praticante de *paintball* se as bolas de tinta podiam ser furadas por uma finíssima agulha hipodérmica. Obtida a resposta de que as cápsulas de gelatina não rebentariam, avançou com a solução – Poderemos associar o gás tóxico paralisante à tinta, com recurso a seringas de prevenção de trombose.

– Qual é o alcance dos tiros das vossas espingardas? – quis saber o militar.

– Marcadores – corrigiu de imediato João Martins. – Os marcadores são compostos por um carregador com capacidade para levar as esferas de tinta e uma botija de ar comprimido, nitrogénio ou gás carbónico para propeler as munições. O alcance depende do vento, da chuva, da humidade. Em circunstâncias climatéricas normais, atingem o alvo de 40 a 70 metros. A pressão do gás é que define a velocidade dos disparos. O comprimento do cano também influi na velocidade e distância do arremesso. Também temos arco e flecha, granadas de tinta e de fumaça.

– Já agora, como funcionam as granadas? – questionou o major.

– A granada é um corpo de plástico, em forma da granada militar, cuja casca é feita de um material do tipo esferovite que, quando explode, espalha

múltiplas bolas de tinta, contidas no seu interior, num raio de cinco a dez metros.

O piloto agradeceu a informação e pediu a Rodrigues um espaço maior, onde se pudessem agrupar os agentes de autoridade disponíveis, os bombeiros, os atletas de competição e demais voluntários. Combinaram reunir-se, no dia seguinte, por volta das 18:00 horas, num armazém de produtos hortícolas, vazio. Os presentes distribuíram entre eles a missão de contactar de imediato o maior número de cidadãos hábeis.

Capítulo 18

O dia D

A ideia de recuperar a independência passou cautelosamente de boca em boca e ganhou forma. Aderiram cidadãos de vários serviços, desportos e grupos sociais, na faixa etária entre os 18 e os 60 anos. Muitos foram os chamados, mas a escolha recairia apenas sobre pessoas activas, portadores de robustez física, úteis à finalidade pretendida de retomar o Quartel Militar e prender os invasores, com o mínimo de baixas possível.

No dia seguinte, à hora combinada, os conjurados começaram a chegar em pequenos grupos, conforme tinham sido advertidos, para não dar nas vistas. A cidade era patrulhada por soldados da coligação invasora, apeados e por veículos militares ligeiros.

Os voluntários entravam no pavilhão, identificavam-se e respondiam a um pequeno questionário que consistia em perguntar a idade, se era portador de alguma doença crónica, se sofria de alguma alergia, se tomava alguma medicação, se tinha cumprido o serviço militar, se sabia manusear alguma arma, se praticava alguma actividade desportiva. O género e a idade eram, para o caso, irrelevantes.

Os destemidos lotaram o armazém. Os organizadores tiveram o cuidado de não abrir as janelas. Assim, não passaria para o exterior o que lá dentro se tratasse, mas, por outro lado, também a renovação de ar fresco seria mais rara. Num dos lados do rectângulo, oposto à porta de entrada, foi montado um palco, constituído por paletes de madeira sobre o qual repousavam uma mesa de acampamento e uns bancos de plástico. A cerca de cinco metros do estrado foi colocado, no meio da assistência, um escadote em alumínio, a suportar o retroprojector, ligado ao computador que estava sobre a mesa, ao lado de um microfone associado a um amplificador cujo som era reproduzido por uma coluna colocada numa das extremidades do palanque.

À hora sussurrada, o espaço estava à pinha. O bulício cessou como por encanto quando Tozé subiu à plataforma, secundado por Rodrigues e o presidente da Câmara. Tomaram os seus lugares, seguindo o protocolo: o gestor da cidade ao centro, o Major à sua direita e o pai de Carla do outro lado. O edil bateu com o dedo no microfone. Depois das primeiras palavras de saudação aos presentes, embutida de um curto discurso de conveniência, relacionado com o assunto que os tinha levado ali, apresentou os elementos da mesa e passou a palavra ao piloto da força aérea.

– Boa tarde, meus senhores! – começou o militar. Não esperou pela resposta. – O meu nome de guerra é Tozé e sou comandante de esquadra dos F-16. O facto de ter sido abatido durante a batalha contra o usurpador permitirá, com a vossa preciosa ajuda, a completude da missão, só que desta vez, por terra.

O aviador ligou o computador e o retroprojector transmitiu a imagem do Quartel Militar visto de cima, retirada do *Google Earth*, para uma tela pendurada na parede. Apontou para a representação, utilizando um mini laser vermelho e aumentou o tamanho da imagem.

– Estão a ver este espaço aqui? – identificou um edifício inserido no complexo militar, afastado das restantes construções. – É o centro nevralgico das operações. Todas as comunicações militares do País estão aqui concentradas. Foi por essa razão que a força inimiga ocupou o quartel e fez prisioneiros os meus camaradas.

Mudou para a imagem seguinte, deixando ver a superfície do quartel, bem como as artérias circundantes.

– Como podem observar – continuando a usar o laser como orientador -, o quartel tem acesso directo por esta porta principal e confronta dos restantes lados por terrenos de protecção. Este espaço foi construído nos anos noventa, com acesso rápido à auto-estrada do Norte Litoral, com a qual confronta a Poente. Ocupa uma área equivalente a dezoito campos de futebol. Aparentemente, como qualquer aquartelamento, o acesso é inexpugnável.

Na cabeça dos presentes suscitava-se a curiosidade de saber como assaltar um quartel. Essa preocupação, por ser previsível, levou a que o apresentador adiantasse – devem estar com algumas perplexidades na vossa

cabeça. Desde logo, como é possível atacar uma base militar com civis desorganizados..

O silêncio na sala demonstrou as dúvidas que pairavam na cabeça da maioria dos voluntários a carecerem de uma justificação plausível.

– Vamos organizar-nos minimamente e usar uma substância tóxica paralisante, lançada pelos marcadores de *paintball* – continuou o explicador. São instrumentos ofensivos silenciosos. Usaremos também, mas como último recurso, as armas letais que conseguirmos reunir. Vamos atacá-los de forma silenciosa, de surpresa, rápida e eficaz.

A maioria dos presentes desconfiou da eficácia do jogo das bolas de tinta.

– As dúvidas que os senhores têm, também eu já as tive. É possível injectar um gás tóxico nas bolas de tinta. O único senão é o raio de arremesso das bolas. Teremos de nos aproximar do inimigo. Para isso pensei em usarmos aparelhos aéreos comandados por controlo remoto, dotados de capacidade de registo e transmissão de imagens. Algum dos presentes tem *drones*? – perguntou aos membros da assembleia.

Duas pessoas levantaram o braço. Rodrigues segredou a Tozé que os conhecia: um, era fotógrafo independente e outro comerciante de material electrónico. Na posse da informação, o major disse -lhes:

– Vamos precisar de três ou quatro *drones* e outros tantos operadores com experiência. O bom manuseamento e a fiel obtenção de dados serão fulcrais para o sucesso da missão.

Dois outros braços levantaram-se no ajuntamento e informaram que costumavam pilotar os aparelhos dos filhos.

Muito bem – prosseguiu, pedindo ao presidente da Câmara para apontar o nome e o contacto dos quatro cidadãos. – Os *drones* vão ter de sofrer umas ligeiras alterações, de modo a poderem transportar e largar ampolas de vidro com o gás tóxico.

Mais alguns braços se levantaram na sala. Nenhum dos elementos da mesa os conhecia. O edil deu-lhes a palavra, solicitando que se identificassem.

– Boa tarde – disse um deles falando pelos restantes. – Chamo-me Luís e sou sargento do exército. Eu e estes meus cinco camaradas somos militares incorporados no quartel que estão a falar. Eu estou destacado no centro

coordenador de defesa (CCD) e tenho comigo uma cópia da chave de acesso. Estávamos de folga quando tudo isto aconteceu. Tentámos regressar ao nosso posto de trabalho, mas fomos impedidos de o fazer. Conhecemos bem o terreno, a disposição dos edifícios e o que cada um deles contém. Estamos prontos a servir o nosso País.

– Coisa maravilhosa! – continuou Tozé. – Vamos reunir-nos à parte, no final da assembleia para acertarmos os pormenores. Já comuniquéi com a minha base aérea, a participar os meus planos. Recebi ordens para inutilizar as comunicações concentradas no quartel. As forças armadas nacionais estão preparadas para, quando eu lhes der um sinal, desembarcarem por ar, terra e mar. Mas, para isso, preciso de especialistas em informática, pessoas que dominem a engenharia de sistemas e de computação.

Em resposta ao novo pedido, mais dois assistentes se identificaram e aceitaram integrar a equipa.

– Então, só nos resta contar as espingardas, como quem diz inventariar quantos marcadores, arcos e flechas, munições e granadas temos.

– E as armas verdadeiras? – gritou alguém do meio da sala. – Alguns de nós somos caçadores e possuímos armas e munições verdadeiras, outros possuirão armas de defesa pessoal.

– Vamos reunir tudo o que conseguirmos. Quem tiver armas e munições que as mencione no final da reunião, inclusive, peçam-nas emprestadas a quem as tem e não está aqui. A minha ideia é só usarmos munições verdadeiras quando não conseguirmos prevalecer-nos da surpresa, da rapidez e da eficácia do ataque. Mas será sempre um conforto tê-las connosco, porque eles – referindo-se ao inimigo – vão usar fogo real contra nós. Até há pouco tempo, éramos *hermanos*. Prefiro vê-los como meros adversários deste jogo de assalto ao castelo.

Capítulo 19

O assalto ao castelo

Para a derradeira reunião foram convidados oitenta por cento dos presentes na primeira assembleia-geral.

Luísa exigiu fazer parte da missão. A princípio, Tozé não admitiu a pretensão, por ser de menor idade, mas ela cobrou-lhe o favor de o ter salvado de morrer afogado, quando foi abatido pelas aeronaves da coligação europeia.

O ponto de acesso ao interior da fortaleza foi escolhido por exclusão de partes. Do lado da via rápida, estariam facilmente expostos. Do lado da entrada principal, além de ficar longe do alvo, teriam de enfrentar os guardas de serviço. Do lado Nascente, existiam moradias, adjacentes à extrema da zona de servidão militar. Os habitantes das vivendas corriam risco de vida se o assalto descambasse em tiroteio com balas reais. Sobrava, assim, avançar pelo descampado, a Norte.

O factor surpresa estaria associado à hora em que os militares estivessem a dormir profundamente e os vigias mais fatigados. Tinham de contar com a existência das câmaras de vigilância nocturna e detecção infra-vermelha periférica e perimétrica de calor e de movimento, controlados no interior do CCD. No entanto, o sargento Luís asseverou que os sensores não funcionavam por falta de verba, melhoramentos que o Estado ia empurrando com a barriga para a frente, à espera de melhores dias orçamentais.

O factor rapidez dependeria do corte de energia e a transposição célere da vedação metálica encimada por arame farpado.

O factor eficácia ficaria associado ao funcionamento do gás tóxico incapacitante e da contenção do maior número de tropas no interior das casernas.

O objectivo principal resumia-se em, depois de ultrapassar os primeiros obstáculos, aceder à sala dos equipamentos de comunicação. Com o CCD

controlado, o passo seguinte seria copiar os dados fundamentais e introduzir um vírus informático no sistema operativo que apagasse toda a informação, antes de a invasão electrónica ser detectada e anulada remotamente.

Os seis militares de folga apresentaram-se fardados. Indicaram a localização da porta de armas, da porta de vigilância, da messe dos oficiais e sargentos, dos restantes alojamentos, do refeitório, do paiol e do CCD.

Os agentes da PSP, da GNR e os bombeiros também se apresentaram fardados, a portar armas que detinham em casa.

Os caçadores e outros cidadãos empunhavam caçadeiras, rifles e outras armas de calibre 6,35 mm, algumas delas sem o necessário registo de uso e porte de armas.

O maior grupo de voluntários pertencia a associações desportivas do *paintball*, munidos com os seus marcadores e munições, enfarpelados com roupa camuflada ou de cor preta adequada.

Todos ouviram atentamente o plano e receberam as instruções individuais ou por grupos.

Os operadores dos *drones* seriam os primeiros a intervir, primeiramente a fazer o reconhecimento telecomandado bem lá do alto, a contar os militares circulantes fora dos edifícios, a localizar os vigias e a registar as horas das rondas. Depois, a cobrir do ar todos os movimentos do inimigo, prontos a deixar cair cirurgicamente as ampolas tóxicas.

Três voluntários, trabalhadores na EDP, incumbiram-se de cortar os cabos exteriores de fornecimento da energia eléctrica ao quartel.

O assalto foi agendado para as três horas da madrugada. Acertaram-se os relógios, distribuíram-se *Walkie-Talkies*, refeições ligeiras, água e pequenas garrafas termo com café. Reviram o plano pela última vez. Adoptaram o lema “*Contra os canhões, marchar, marchar*”.

Uma hora antes de abandonarem o pavilhão, o Tozé pediu a todos para formarem fileiras e passou revista a cada um dos voluntários. Foi a maneira despercebida de aquilatar o potencial físico e “bélico” de cada um. No final da inspecção, o oficial piloto deu-lhes os derradeiros conselhos e instruções, apelativos ao sentimento patriótico dos conjurados.

Abandonaram o armazém paulatinamente em pequenos grupos, tal como haviam chegado. Dirigiram-se cautelosamente aos veículos de transporte

colectivo escolar e desportivo, ambulâncias de condução de doentes não urgentes, três mini autocarros, quatro autocarros, dois camiões de caixa fechada e vários veículos automóveis ligeiros de passageiros, que os esperavam, espalhados pela povoação, de modo a não dar nas vistas, para os conduzir ao ponto de encontro, a cerca de quinhentos metros do teatro de guerra. Daqui seguiram apeados divididos em vários grupos, com o destino previamente traçado.

Os batedores dos aparelhos telecomandados comunicaram via *walkie-talkie* que o alvo estava em silêncio. Somente as torres de vigilância nos quatro cantos do muro de vedação tinham vida. Identificaram um militar em cada um dos postos de vigia, ao longo da estrema periférica do aquartelamento. A guarda era rendida de duas em duas horas. Além disso, cinco militares faziam ronda apeada, a cada quatro horas. Supunham que na porta principal estivessem mais três ou quatro homens de plantão. Os outros permaneciam nos respectivos dormitórios.

Segundo a informação do sargento que acompanhava os conjurados, no interior do CCD estaria um piquete de quatro soldados, fechados por dentro, protegidos por uma porta blindada, cuja abertura era feita com recurso a uma chave igual à dele.

Os conspiradores avançaram pelo meio dos campos de milho. A pouca distância do alvo, uns, demandaram os postos de vigia, outros, dirigiram-se até ao meio da vedação metálica elevada por arame farpado do lado Norte. Escondidos das câmaras instaladas nos postes, juntos às vedações exteriores, aguardaram o tempo combinado dos ponteiros dos relógios sincronizados.

À hora certa, o fornecimento da energia eléctrica foi cortado. Os invasores encostaram as escadas de madeira de ambos os lados da vedação e introduziram-se no quartel, antes dos geradores automáticos começarem a operar.

O corte da energia eléctrica não inquietou os militares de serviço no interior da base militar. Estavam avisados pelo cabo electricista detido que o fenómeno sucedia amiúde, mas que a energia seria rapidamente repostada. Por essa razão, não relevaram a mudança. Os aparelhos electrónicos recomeçaram passados uns minutos. No interior do CCD, o piquete estava

mais interessado na continuação do filme de acção transmitido na televisão por cabo.

No interior do terreno do quartel, os conspiradores dirigiram-se ao objectivo programado.

O conjunto destinado ao controlo do CCD foi o primeiro a chegar. O sargento introduziu a sua chave e abriu a porta de acesso. Depois fez sinal aos seus companheiros para colocarem as máscaras anti-gás. Lançaram então duas granadas para o interior da sala e entraram de seguida a disparar os marcadores contra os adversários, que ainda tentaram reagir, mas em vão. O tóxico paralisante foi eficaz em poucos segundos. Os unionistas foram estirados no chão onde ficaram manietados. Logo de seguida, os técnicos de informática abeiraram-se dos computadores. Copiaram as informações fundamentais, removeram os dados em segredo militar, armazenaram arquivos na nuvem, introduziram um código, a impedir a comunicação com as forças inimigas e um ficheiro executável, a franquear o acesso ao sistema informático do inimigo, de modo a receber, em tempo real, as comunicações por eles efectuadas e recebidas. Enquanto isso, Tozé e Luísa procuraram as chaves das celas, correndo a libertar os soldados nacionais aprisionados aquando da invasão inimiga.

Depois de uma rápida troca de informações sobre a situação em curso, um tenente liberado abriu o armeiro e começou a distribuir armas e munições pelos camaradas.

Entre os militares libertados estava um graduado, cuja cara era familiar a Luísa. Os seus olhares cruzaram-se fugazmente.

As sentinelas unionistas terminaram o seu período de tempo nos postos de vigia. A rendição tardava em chegar. Contactaram via rádio os camaradas na casa da guarda, mas a ligação não funcionava. Tentaram o CCD e também não obtiveram resposta. Insistiram nas comunicações, porém não recebiam retorno das chamadas.

A inquietação das sentinelas foi observada pelo grupo que os controlava do exterior, tendo sido de imediato tomadas medidas preventivas para os acalmar. Os marcadores acertaram o alvo e os guardas paralisaram.

O atraso do render dos vigilantes ficou a dever-se à dificuldade que a casa da guarda, junto à porta de entrada principal do quartel, também teve em

contactar o CCD e os postos de vigia. Estranharam o silêncio. Associaram-no à entretanto reposta quebra da energia eléctrica. O oficial de dia ordenou a dois praças para se deslocarem ao exterior, ver o que se passava.

O *drone* avocado à entrada principal do quartel detectou movimentos no pátio. O operador comunicou a ocorrência a Rodrigues, que, juntamente com a filha Carla, manobrava a central de comunicações instalada dentro de uma carrinha estacionada no exterior.

Cinco voluntários no interior do aquartelamento, alertados via rádio, encaminharam-se na direcção do portão principal.

O pequeno avião não tripulado mantinha as tropas inimigas dentro do seu perímetro de acção. O operador desceu o aparelho até cinco metros da cabeça dos praças e largou uma ampola paralisante no meio deles e o gás entorpeceu-os. Como estavam ao ar livre, o efeito não foi total.

Entretanto, chegou a brigada patriótica que os marcou com bolas de tinta. Com as máscaras anti-gás colocadas no rosto correram em direcção da casa da guarda e lançaram para o interior uma granada de tinta impregnada com o produto paralisante. Quando penetraram no compartimento para ministrarem o veneno caseiro, os soldados já estavam derrubados. Prenderam-nos a todos de mãos e tornozelos atrás das costas.

Os dormitórios dos oficiais, sargentos e praças não foram descurados, pois era aí que se encontrava o grosso da tropa inimiga.

Outro grupo ficou encarregue de armadilhar as portas de acesso das casernas ao quintal do quartel. Enquanto o inimigo dormia, introduziram-se sorrateiramente no interior no edifício, afixando várias granadas, executadas especialmente para os espaços em causa, ao longo das paredes interiores, tendo os engenhos explosivos ficado sincronizados de modo a poderem ser accionados por controlo remoto, do exterior, ou logo que as portas, agora cerradas pelo lado de fora, fossem estroncadas.

Com o quartel controlado, os euracinistas cercaram os restantes edifícios onde se encontravam os unionistas a dormir. Aproximava-se a hora da saída de uma patrulha para estabelecimento da segurança e guarda das instalações. Esperaram, nas calmas, pela abertura das portas dos dormitórios.

O despertador acordou o furriel! Hora de levantar, passar água fria pela cara, fardar-se e ir acordar os praças, que dormiam no edifício ao lado. Estugou o passo em direcção à saída. Tentou abrir a porta. Não conseguiu....

“*Estranho*”, matutou. “*Algo se passa. Quando dei a volta à caserna não a fechei à chave*”. Tentou mais uma vez. Nada! Usou ligeiramente a força do ombro contra a porta e comprovou estar preso dentro do dormitório.

O sargento levou à boca o apito de marinheiro com três silvos, que trazia ao peito, para os recrutas andarem «a toque de caixa», e soprou com força. O som agudo cortou o silêncio da noite. O alarme despertou toda a gente, incluindo os que estavam a sitiar os edifícios.

No prédio ao lado, os unionistas, estremunhados, identificaram os silvos como um alarme. Levantaram-se estonteados, pegaram nas armas e correram à uma para a porta, que não resistiu ao embate.

Enquanto os homens da frente saíram empurrados para a parada, em desequilíbrio, os de trás ficaram paralisados, ao inalarem o gás tóxico emanado das granadas que explodiram ao longo das paredes interiores.

No exterior, os que atabalhoadamente conseguiram passar a barreira da porta foram iluminados por luzes de dois projectores. Para lá dos holofotes descortinaram jovens e adultos, trajados à civil, de fato de treino, fardados e de camuflado, com arcos e flechas e espingardas invulgares nas mãos, caçadeiras e pistolas, à mistura com soldados, que era suposto estarem presos, munidos de armas automáticas, todos virados a eles, em formação de um semi-círculo côncavo.

.Alguns dos unionistas recuaram instintivamente, à procura de protecção, algo onde se pudessem encobrir, com intenção de fazer fogo, mas foram desaconselhados com a ordem:

– Quietos! Estão cercados! Coloquem as armas no chão e mãos bem alto, acima da cabeça – gritada pelo tenente-coronel libertado.

Os soldados olharam uns para os outros, à espera de uma contra ordem superior de comando que não se fez esperar.

– *Posición de defensa. Fuego!* – gritou o furriel da parada, depois de ter conseguido abrir a porta do seu dormitório, à custa de alguns oficiais, que, sobressaltados com o som acústico, saíram a correr dos quartos e o

empurraram para o exterior, ficando a maior partes deles paralisados no interior com o gás tóxico das granadas, que automaticamente explodiram.

Dois tiros de pistola apagaram a indesejada luz. Aproveitando o restabelecimento do escuro, alguns subordinados correram para trás dos pilares do prédio. Outros estiraram-se no chão, disparando ao calha.

Os militares são instruídos a obedecer. Enquanto tivessem munições, ripostariam. Existiam dois fogos esparsos contra os nacionalistas.

Assim que rebentou a confusão com os disparos sobre os holofotes, os euracinistas procuraram onde se abrigar.

Atarantada, como o tolo no meio da ponte, Luísa não se decidia para que lado ir. Entrou em pânico e começou a gritar. O tenente-coronel retirou-a do local. Com o braço esquerdo sobre os ombros da jovem, obrigou-a a baixar-se, ao mesmo tempo que a empurrava, a correr dali e a disparar a sua pistola *Walter* 9mm contra o inimigo.

O abraço e o aroma característico exalado do corpo que bem conheceu, associados à cara e ao aspecto físico, fizeram com que Luísa reconhecesse o protector. A adolescente corria agachada, protegida pelo corpo do pai de sua filha.

Ouviam-se disparos de ambas as facções. A velocidade da correria começou a diminuir e Luísa sentiu o peso do corpo do defensor a arrojá-los ao chão.

– Fui atingido – disse ele com a voz enfraquecida, em desequilíbrio descontrolado, sem largar a protegida.

Prostrados no solo, o corpo inanimado do salvador ficou deitado com o peito para baixo, em cima da protegida, num derradeiro acto heróico de a abrigar das balas do inimigo.

Uma substância viscosa e quente, expelida do flanco direito do tronco do militar atravessado por uma bala, ensopou a camisa da protegida, espalhando-se pelo sulco do peito da jovem, que se apercebeu da gravidade do ferimento. Luísa afagou-lhe a cabeça e sussurrou-lhe palavras carinhosas, de tranquilidade e de esperança. Pensar que o sujeito tinha sido, um dia, a sua paixão, transformou o ódio que lhe dedicou em compaixão.

Apeteceu-lhe dizer que tinha irresponsavelmente lançado uma filha ao mundo, que lhe tinha destruído a sua vida, mas o momento não era o mais

adequado. “*Como poderei lançar-lhe uma pedra, se eu própria também não sou exemplo para ninguém*”. Ficou-se pelas boas emoções vividas.

O enfermo iniciou uma respiração irregular, arquejante e desfaleceu.

Luísa via os traços das balas a iluminar a noite por cima da sua cabeça e sentiu de novo pavor. Escondeu-se o melhor que pôde debaixo do corpo do tenente-coronel antes de perder os sentidos.

– Não os podemos deixar entrar no CCD. Trancam-se lá dentro e pedem reforços – gritou Tozé para os combatentes do exército nacional libertado. – Mande para lá dez homens – ordenou ao oficial subalterno.

No interior da carrinha, Rodrigues foi alertado pelos operadores dos aparelhos voadores telecomandados do risco de uma volta-face no teatro de guerra. Sem pestanejar, deu instruções, primeiro aos operadores dos *drones*, e de seguida aos seus atletas.

Os executantes das pequenas aeronaves não tripuladas, recarregaram os aparelhos com as ampolas venenosas e cumpriram as ordens. Sobrevoaram a troada e lançaram os seus mísseis sobre o inimigo, entretanto reagrupado, que fazia fogo, protegido pelas edificações.

Meia centena de desportistas de *paintball* separaram-se do grosso do grupo, deram a volta às instalações e colocaram-se, lado a lado, atrás dos adversários bélicos. Estes, ao aperceberem-se que estavam a ser bombardeados pelo ar com um produto tóxico como não podiam fugir para a frente, onde se encontravam os restauradores da liberdade, recuaram desordenadamente poucos metros. Começaram a ser alvejados, um a um, com as bolas de tinta impregnadas do gás paralisante.

Os aldeãos acordaram a meio da noite, com os disparos trocados entre as forças opositoras. Seria bom ou mau sinal? Da última vez que isso sucedeu, foram obrigados a recolher a suas casas.

Os mais afoitos saíram à rua, a trocar impressões e conjecturas. As rajadas de metralhadora continuavam a ouvir-se

Por que andarão eles aos tiros? questionava o povo. Sem obter uma resposta, homens e mulheres organizaram-se rapidamente e encetaram a marcha rumo à fonte bélica. Levavam nas mãos as armas que conseguiram arranjar: caçadeiras, pistolas, ancinhos e paus grandes de madeira maciça. Caminhavam juntos a cantar. Entoavam bem alto e em uníssono o Hino

Nacional decididos a colaborar na restauração da ordem nacional. Acompanhava-os a vontade intrépida de lutar por valores superiores.

Com o inimigo dominado, escancararam-se as portas principais do Quartel Militar. Os voluntários, que ainda se encontravam no exterior, entraram na área militar, misturados com a população.

Na parada, Luísa recobrou os sentidos. Tinham retirado o corpo do tenente-coronel de cima dela. A seu lado, Carla, com um leque, refrescava-lhe o rosto e João Martins, monitorizava-lhe os sinais vitais.

– Hás-de perder essa mania de desmaiar nos momentos de aflição – disse a amiga. A tua sorte é teres aqui dois técnicos de enfermagem à altura. Um luxo!

– Onde está o militar que estava comigo?

– Foi levado para a enfermaria, em estado comatoso. Perdeu muito sangue. Além disso, parece que levou um tiro no tórax que lhe trespassou o fígado e o pâncreas.

– Está mal – informou o professor de Carla.

– Sabes que o reconheci?

– De quem estás a falar?

– O pai da minha filha – respondeu Luísa, a tentar soerguer-se.

– Estás doida, menina? Deixa cá ver se tens febre – interveio Carla, preocupadíssima por estar ali ao lado do pai da menina, por ela escolhido. – Anda, levanta-te! Agarra-te a mim, que eu ajudo.

- Por falar em filha – disse o João Martis. Agora que somos todos coniventes, para cimentar a nossa amizade, convido-vos para o baptizado da minha Benedita. É daqui a uma quinzena de dias, na Igreja Matriz, às 15 horas. Não aceito escusas.

Epílogo

Os esforços do Presidente da República e do Primeiro-ministro junto do Conselho da Organização do Tratado do Atlântico Norte e dos governantes de Inglaterra, EUA, Brasil, China e Rússia foram, na generalidade, satisfatórios. A OTAN declarou conflito de interesses por os países envolvidos serem todos Estados-membros da organização. A Inglaterra e o Brasil aliaram-se prontamente aos esforços de libertação, a China subsidiou as manobras de combate, sem dar a cara e a Rússia prometeu usar a via diplomática.

Assim que a força euracinista dominou os unionistas, Tozé comunicou com a base aérea de Monte Real para participar o sucesso da operação.

Os usurpadores foram dominados. A Bandeira Nacional drapejava de novo no mastro principal do Quartel Militar.

Fruto da ambicionada boa nova, o despontar dos primeiros raios de sol testemunhou a passagem de vinte jactos de combate e dez bombardeiros da força aérea nacional e da *Royal Air Force* por cima do quartel a voar em formação, rumo às capitais de Distrito da zona Norte. Atrás deles, voavam oito aviões de transporte com forças pára-quedistas nacionais e brasileiras,

No mar, desde a foz do Douro até à costa dos Países Baixos, incluindo o Golfo de Biscaia, cinco contratorpedeiros, um porta-aviões e dois submarinos da marinha de guerra britânica e americana sitiaram os Estados-membros da União Europeia envolvidos na invasão de um outro membro da comunidade.

Por terra, comandos mistos nacionais, brasileiros, ingleses e americanos, apoiados por brigadas blindadas, varreram todo o Norte do rio Douro, expulsando o inimigo para lá das fronteiras do território nacional.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, reunido de emergência, a pedido da China e da Rússia, secundados pelos Países Africanos de língua oficial portuguesa, e, sem o veto da França, fortemente pressionada pela opinião pública manifestada nas ruas, condenou a anexação do Norte de um

país soberano e exortou os Estados-membros unionistas a cumprirem os Tratados internacionais e a reconhecer a soberania nacional sobre o território ilicitamente ocupado, autorizando o uso da força internacional para cabal cumprimento da resolução.

As intuições e organismos da União Europeia desentenderam-se. O Parlamento, por uma maioria qualificada, condenou a atitude ambiciosa e déspota do triunvirato Alemanha, França e Espanha e o Presidente convocou os seus homólogos da Comissão e do Conselho. No final do interrogatório da assembleia, o Parlamento votou uma moção de censura, obrigando a Comissão a demitir-se.

Em Bruxelas, a maioria dos Chefes de Estado e de Governo de cada um dos países da União Europeia, em cimeira extraordinária, abriram uma crise sem precedentes no Conselho Europeu, quebrando-se o vínculo de respeito, lealdade, confiança e solidariedade entre os Estados-membros.

Quinze países da União Europeia desencadearam, junto Tribunal de Justiça da União Europeia, um processo de incumprimento do direito europeu.

O país vitorioso denunciou os tratados de adesão, invocando causa justa, e reclamou uma substancial indemnização.

O país vizinho apressou-se a pedir desculpas diplomáticas e abandonou a União Europeia, como símbolo do fortalecimento da identidade Ibérica. Os outros dois Estados-membros implicados na invasão viram os respectivos chefes do Governo a demitir-se, o que provocou novas eleições, cujos ganhadores foram os partidos nacionalistas anti-União.

O baptizado de Benedita foi um acontecimento importante. Os convidados conheceram-se melhor, recontando as mais variadas perspectivas, do feito glorioso. A cumplicidade entre os lutadores pela liberdade agitava o ambiente de festa e de alegria.

Luísa tinha razões para estar com a auto-estima elevada. Felizmente, para ela, uma das bombas do ataque aéreo tinha destruído grande parte dos arquivos do Hospital, incluindo o seu ficheiro clínico. Depois de prestar declarações no departamento de investigação e acção penal sobre a morte dos pais, a sua versão foi aceite pelo Ministério Público.

Durante o copo de água, realizado no Parque da Cidade, franqueado a todos os poveiros, Carla juntou-se à amiga com a baptizanda ao colo. Passou-

lhe o testemunho. Foi a primeira vez na sua vida que a mãe biológica pegou no fruto do seu ventre. Desconhecedora de toda a trama, Luísa sentiu uma alegria íntima, quando Benedita partilhou com ela um sorriso angelical.

A jovem aceitou o emprego que João e Júlia lhe propuseram, como ama da graciosa criança. Assim, juntava o útil ao agradável. Tinha um emprego, uma casa e uma família.

A estudante de enfermagem observava a felicidade da amiga, impedida de lhe contar a verdade, pois ela tinha-lhe ordenado para fazer da filha o que quisesse, sem lhe prestar contas. Era melhor assim. Sabia que a agora empregada educaria a catraia com amor, como se fosse sua filha, sob um denominador comum: a desinformação da verdade. Mãe e filha biológica a viverem juntas com o beneplácito dos pais afectivos!

Carla passou a noite a divertir-se com Tozé. Ela dançava bem. Ele, embora afirmasse não o saber fazer, não era nenhum pé de chumbo. Uma folia alimentada por uma afinada sangria de champanhe e maracujá. Trocaram promessas de reencontros, quanto mais não fosse aos fins-de-semana e nas folgas do aviador.

O major piloto da força aérea foi recebido como um herói na base de Monte Real, tendo honras de desfile militar. O Comandante Supremo das Forças Armadas, em pessoa, fez questão de o condecorar, pelo elevado serviço prestado ao País, com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis. Quando o comandante da base, mais tarde lhe perguntou o que poderia fazer por ele, como agraciamento à sua bravura por ter elevado o esquadra aos anais da história nacional e feito jus ao emblema “a sorte protege os audazes”, Tozé pediu-lhe, simplesmente, quinze dias de férias.

No gozo do merecido repouso do guerreiro, Tozé recebeu das mãos do presidente da Câmara Municipal, com aprovação unânime do executivo camarário e aclamação da Assembleia Municipal, as Chaves da *Villa Euracini*, que ajudou a libertar.

O tenente-coronel também foi homenageado no quartel, a título póstumo, por, na refrega bélica, ter protegido, com o sacrifício da própria vida, uma jovem que um dia dera à luz um filho seu. A ironia do destino valeu-lhe a atribuição de uma medalha de altruísmo no futuro.

Nota final

Os acontecimentos e os personagens desta história são ficção e qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

A denominação *Euracini* evoluiu ao longo dos tempos, passando por Uracini, Vracini, Veracini, Verazim, Varazim e Varzim.

O nome Póvoa teve a sua origem, por ocasião da visita do rei D. Diniz, que, no foral de 1308, ordenou a criação de uma póvoa (pequena povoação) em Varzim, concedendo-lhe direitos e privilégios e permitindo a construção de uma vila, directa e exclusivamente sob o domínio e jurisdição da Coroa.

A elevação da Póvoa de Varzim a cidade ocorreu em 16 de Junho de 1973.

Um concelho hoje demandado pelas suas magníficas praias, Casino, a festa literária denominada Correntes d'Escritas, festas em honra do S. Pedro, seu padroeiro, Festival Internacional de Música, eventos de teatro, festas tradicionais, gastronomia, romarias, procissões e excursionismo religioso.

Índice

Capítulo 1 – Suster a respiração	pág. 4
Capítulo 2 – As armas e os barões assinalados	pág. 8
Capítulo 3 – O fascínio pelas fardas	pág. 11
Capítulo 4 – O complô	pág. 16
Capítulo 5 – Abandonados	pág. 21
Capítulo 6 – O relatório	pág. 26
Capítulo 7 – Que mal fiz eu?	pág. 29
Capítulo 8 – Desesperados	pág. 35
Capítulo 9 – A vida continua	pág. 41
Capítulo 10 – Não sei de nada	pág. 44
Capítulo 11 – Viver no sonho	pág. 50
Capítulo 12 – A quem serve a verdade	pág. 53
Capítulo 13 – Oficial piloto-aviador	pág. 56
Capítulo 14 – Adeus, vou partir	pág. 60
Capítulo 15 – Símbolos de família	pág. 61
Capítulo 16 – Os humanos vão sendo	pág. 64
Capítulo 17 – Comes o que fazes	pág. 76
Capítulo 18 – O dia D	pág. 84
Capítulo 19 – O assalto ao castelo	pág. 88
Epílogo	pág. 97
Nota final	pág. 100
Índice	pág. 101